

Janny van der Molen

Là fora, a guerra



O mundo de Anne Frank

ROCCO
JOVENS LEITORES



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Janny van der Molen

Lá fora, a guerra
**O mundo de
Anne Frank**

Ilustrações de Martijn van der Linden

Tradução de Alexandra de Vries

ROCCO HALL



SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Brincadeira

[Uma vida repleta de alegria](#)

Família

[Fugindo dos nazistas](#)

Guerra

[Bombardeio no aeroporto Schiphol](#)

Normas

[Proibido para judeus](#)

Medo

[O esconderijo secreto](#)

Diário

[O grande sonho de Anne](#)

Sobrevivência

[Perseverança](#)

Paixão

[Beijos no sótão](#)

Traição

[Nazistas no Anexo Secreto](#)

Horror

[A morte de Anne](#)

O que aconteceu depois

Álbum de família

Esclarecimento

Bibliografia

Citações

Créditos

Brincadeira

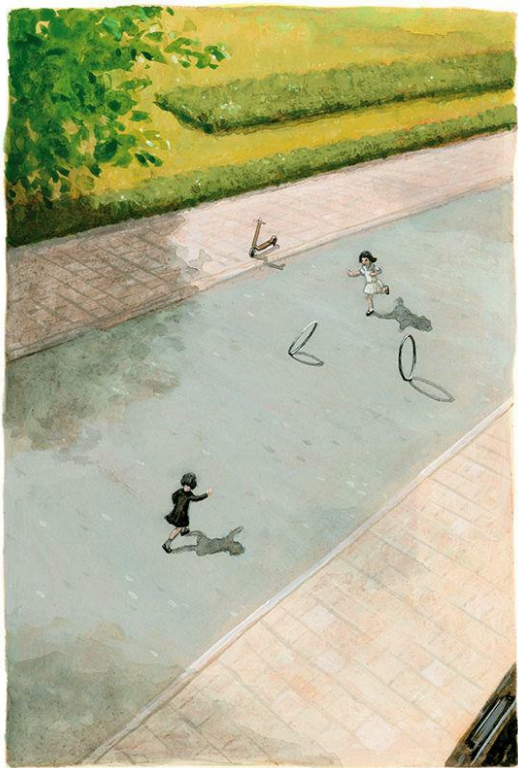
No dia 12 de junho de 1929, nasceu uma menina na cidade alemã de Frankfurt. Seu nome era Annelies Marie Frank, mas as pessoas a chamavam de Anne. Era a segunda filha de Otto e Edith Frank, e sua irmã se chamava Margot. Os Frank eram de origem abastada, e o pai de Anne trabalhava em um banco de propriedade de sua família.

Otto Frank tinha muito orgulho de seu país. Tanto que, na Primeira Guerra Mundial (de 1914 a 1918), ele lutou pela Alemanha. Mas seus sentimentos pelo país mudaram durante a infância de Anne. A Alemanha estava passando por graves problemas, com muito desemprego e pobreza. Na época, havia um político que dizia que tudo aquilo era culpa dos judeus. O nome desse homem era Adolf Hitler. Queria uma Alemanha grande e poderosa, e mais e mais pessoas começaram a concordar com ele. Nas eleições, votaram em seu partido político. Os seguidores de Hitler eram chamados de nazistas.

Os pais de Anne eram judeus. A mãe frequentava a sinagoga, mas o pai, não. Eles se sentiam muito à vontade entre pessoas de outras religiões e até com quem não tinha religião alguma, mas passaram a ser vistos como inimigos só por serem judeus.

Em 1933, quando Adolf Hitler, com o apoio de muitos alemães, foi eleito líder do governo, os pais de Anne decidiram se mudar para a Holanda. Não queriam mais morar em um país onde eram odiados por serem de origem judaica. Além disso, os negócios no banco da família não andavam bem.

Anne tinha quatro anos quando sua família se mudou para Amsterdã. Ela logo se adaptou. Foram morar em um bom apartamento. No bairro, havia outras crianças judias que também tinham vindo da Alemanha. Anne e Margot aprenderam rapidamente a falar holandês e não demorou muito para começarem a se sentir holandesas também.



Uma vida repleta de alegria

– Nunca vou conseguir! – Com o rosto vermelho por causa do esforço, Anne tentava fazer seu bambolê rolar pela rua. – Esse troço só cai! – Desanimada, olhou para a amiga Sanne, que conseguia fazer o bambolê rolar ao longo da calçada sem problemas. – Como você consegue fazer isso?

– Assim, ó. É só colocar em pé e dar um empurrão.

Anne pegou o bambolê e fez exatamente como Sanne falou. Deu certo! O bambolê saiu rolando pela calçada... mas depois de alguns segundos caiu de novo.

– Chega! Não aguento mais! – resmungou Anne. – Vou andar de patinete.

Era uma delícia brincar na praça Merwede, onde Anne morava. De vez em quando, sua mãe olhava pela janela do apartamento, mas sabia que não havia muito perigo. Como não era uma rua principal, ali só passavam bicicletas e os carros dos moradores da vizinhança. A calçada e a rua ficavam praticamente vazias. Além disso, o bairro ficava nos limites da cidade. Depois de alguns quarteirões, já dava para ver vacas pastando. A área ainda parecia um canteiro de obras. Perto da casa de Anne, havia um grande areal, onde a menina passava horas brincando. Foi assim que Anne cresceu: em um lar maravilhoso, em uma rua agradável e com amigas queridas, frequentando uma ótima escola.

– Psii, psii!

Era um dia de semana qualquer na praça Merwede. Ainda era cedo e estava até um pouco escuro.

Mamãe entrou no quarto de Anne e Margot.

– Anne, Hannah está esperando lá embaixo. Dá para ouvi-la assobiando – disse.

Anne sabia que estava na hora de ir à escola. Largou o livro que estava lendo, pegou o casaco do cabideiro, vestiu-o correndo e se preparou para descer.

– Espere – disse mamãe, severa. – É inverno, você precisa colocar um *Mütze*.

– *Muts*, mamãe. Gorro em holandês é *mutts*, não *Mütze*. E não está tão frio – retrucou Anne. Ela já tinha oito anos e se sentia perfeitamente capaz de decidir se precisava colocar um gorro ou não.

– Coloque o gorro – disse mamãe, e Anne percebeu pelo seu olhar que era melhor obedecer. Em seguida, desceu a escada correndo.

– Cuidado, o chão pode estar escorregadio, vá com calma! – gritou mamãe.

Mas Anne já não ouvia. Tinha muita pressa. Ela queria compartilhar uma novidade com a amiga Hannah (a quem sempre chamava de Hanneli) e não podia esperar para contar.

– Hanneli, Hanneli! Vou viajar! Com meu pai! Só nos dois! Não é

maravilhoso? Vamos para a Suíça, visitar a minha avó na Basileia. Minha tia Leni e o tio Erich também moram lá, e os meus primos Bernd e Stephan, é claro. Vai ser o aniversário da minha *Omi*, eu sempre chamo a minha avó de *Omi*, e tem também o Stephan e...

Hannah começou a rir.

– O que foi? – perguntou Anne, surpresa.

– Você está falando tão depressa que quase não consigo acompanhar.

– Mas estou tão feliz! Bernd é ótimo em patinação no gelo, e *Omi* conta histórias maravilhosas e...

– Estou muito feliz por você, Anne. De verdade! Quando viajam?

– Em algumas semanas. Mal posso esperar – comemorou. Em seguida, disse:

– Olha só, lá vão Kitty e Ietje. Vamos dar um susto nelas?

Hannah riu da amiga.

Anne adorava pregar peças nas pessoas. Colocou o dedo sobre a boca em sinal de “faça silêncio” e se aproximou das amigas sem fazer barulho. Quando chegou perto, cutucou as duas nas costas e gritou:

– Bú!

– Ai! – reagiu Kitty. Ietje deu até um pulinho de susto.

Anne caiu na gargalhada.

– Sua peste! – disse Kitty. Mas mesmo assim começou a rir.

Depois de algumas semanas, finalmente chegou o grande dia: Anne e o pai embarcaram no trem para a Basileia.

– Já chegamos? – perguntava Anne toda hora. Ela sabia a resposta porque, quinze minutos antes, o pai tinha dito que não estavam nem na metade do caminho. Nossa... A Suíça era longe.

Assim que chegaram, Anne esqueceu imediatamente a longa viagem e se divertiu brincando com Bernd. Teve que se acostumar de novo a falar em alemão com a família. Em casa quase não se falava mais alemão, já que papai e mamãe tentavam usar o holandês o máximo possível.

– Tive uma ideia divertida – sussurrou Anne no ouvido de Bernd uma tarde. Bernd e Anne tinham ido visitar a vovó Frank junto com tia Leni, tio Erich e o pai de Anne. – Vamos entrar às escondidas no quarto da *Omi*, e você vai vestir as roupas dela.

Bernd lançou um olhar travesso para Anne.

– E depois?

– Aí você finge que é a *Omi*.

Bernd sorriu. Tinha gostado da brincadeira. Juntos eles entraram no quarto, de fininho, e Bernd escolheu um lindo vestido.

Anne quase engasgou de rir.

– Um chapéu! – exclamou ela. – Deve ter um chapéu para combinar!



Bernd foi procurar um chapéu.

Depois precisou procurar os sapatos.

– O salto mais alto que você achar – disse Anne, dando risadas. Bernd pegou um par de sapatos pretos de salto alto.

– Esses aí!

Bernd desfilou pelo quarto, fazendo de conta que era a Omi. Postura erguida, queixo para cima, nariz empinado, um ar de orgulho... Igualzinho à Omi! Era muito engraçado mesmo. Bernd imitava a avó muito bem!

– Você devia ser ator! – Anne riu, e Bernd fez uma respeitosa reverência à empolgada plateia.

– Obrigado, senhora. Muito obrigado.

As férias foram maravilhosas, mas acabaram depressa demais. Chegara a hora de voltar para casa. Papai tinha que retornar ao trabalho, e Anne, à escola.

Já em casa, olhou para uma foto de Bernd.

– Eu volto, Bernd – sussurrou para a foto. – Você ainda tem que me ensinar a patinar no gelo!

Felizmente, também havia vários meninos legais na escola para ela brincar.

– Quem subir a escada primeiro ganha!

Anne começou a correr em direção à livraria Blankevoort e virou a esquina na praça Merwede. Dois meninos corriam atrás dela.

– Você não vai ganhar! – gritou um deles. O outro corria o mais rápido que podia, mas não conseguia alcançar Anne nem seu amigo Appy.

– Primeiro! – disse Appy, ofegante.

– Segunda! – arfou Anne.

– Tá bem. Vocês ganharam – disse Sally.

– Preciso recuperar o fôlego – disse Anne enquanto sentava no último degrau da escada de pedra, que levava até seu apartamento, no primeiro andar. – Mamãe não gosta quando corro.

– Por causa do seu coração? – perguntou Sally, olhando e sorrindo para Anne. Seu cabelo loiro estava despenteado e suas pronunciadas bochechas ficaram ruborizadas. Era uma das coisas que Anne adorava nele: as bochechas rosadas.

– Não é nada grave. Mamãe apenas se preocupa demais.

– Mas na semana passada você faltou uns dias de aula porque estava doente – disse Appy.

– Foi só um resfriadinho – respondeu Anne, lançando um olhar desafiador aos amigos. – Talvez eu não seja forte, mas certamente sou esperta!

Os meninos riram. Anne era assim, sempre tinha uma resposta na ponta da língua!

Ela se levantou, ajeitou as meias e a saia. Assim mamãe não podia reclamar. Mamãe gostava de tudo bem certinho, e agora Anne estava apresentável de novo. Tinha nove anos e estava bem arrumada.

– Vamos – disse ela enquanto tocava a campainha.

Mamãe abriu a porta.

– Oi, Anne, finalmente você chegou! Oi, Appy, oi, Sally.

– Mamãe, nós queremos brincar de Banco Imobiliário. Podemos?

– Claro. Como foi a escola hoje?

– Nada de mais, senhora – respondeu Sally educadamente.

Os três se sentaram à mesa, e Anne preparou o tabuleiro, o dinheiro, as casas e os pinos.

– Parece difícil esse jogo – suspirou Appy. Inseguro, olhou para Sally.

– Não se preocupe. Vou explicar direitinho – disse Anne.



Mamãe chegou à mesa com um prato de biscoitos.

– Trouxe um copo de *Milch* para cada um.

– *Melk*, mãe – corrigiu Anne. – Leite não é *Milch*, é *melk*. – Revirou os olhos e olhou para os amigos como se quisesse dizer “minha mãe nunca vai aprender”.

Mas mamãe não disse mais nada, apenas ignorou e voltou à cozinha.

– Olha só... – disse Anne para Appy e Sally. – Você joga o dado e anda com o pino. Aí você pode parar numa rua. Todos esses quadrados coloridos com nomes representam ruas.

– Trafa... Trafal-gar s-qua-re? – leu Sally em voz alta. – O que é isso?

– É inglês, seu bobo. São todas ruas e praças em Londres. Este jogo veio da Inglaterra.

– Esta aqui é bem fácil. – Appy apontou para o tabuleiro. – O nome dessa rua é *Strand*. – Ele pronunciou ‘ishtrând’.

– Meu pai disse que os ingleses falam ‘Strênd’, não ‘ishtrând’ – disse Anne, toda sabichona, enquanto pegava o dado.

– Que seja – resmungou Sally.

Logo se envolveram tanto no jogo que até se esqueceram do leite e dos biscoitos.

E assim o tempo passou. Estavam em 1938, e a família Frank já morava em Amsterdã havia cinco anos. A vida deles era igual à de muitas outras famílias daquela época. Papai saía de manhã cedo para trabalhar no escritório, e Margot e Anne iam à escola. Mamãe arrumava a casa, fazia compras e se assegurava de que as roupas estivessem limpas e organizadas dentro dos armários. Sempre que podia, levava as meninas para passear. Elas saíam para ver lojas, visitar um museu, ir ao cinema ou até passar um dia na praia. Margot era três anos mais velha que Anne e sempre recebia amigas em casa. Anne adorava brincar com outras crianças.

Papai trabalhava muito. Às vezes, tinha tanto trabalho que ainda precisava ir ao escritório no domingo para terminar alguma tarefa. Anne e Margot entendiam. Papai era dono da empresa. Tinha que trabalhar muito para pagar aquele belo apartamento, comprar coisas bonitas e, claro, comida e roupas.

Anne passava os dias estudando e se divertindo. A vida era boa. Até que numa manhã, em novembro de 1938, quando chegou à mesa para tomar café, encontrou o pai com uma expressão séria. Sua mão acariciava o braço da esposa, e era óbvio que mamãe tinha chorado. Margot estava muito quieta.

– O que houve? – perguntou Anne, assustada.

– Não se preocupe. Já passou – respondeu mamãe.

– Quero saber o que foi! – exigiu Anne. – Eu sei que aconteceu alguma coisa.

Papai respondeu com a voz calma:

– As coisas não estão nada bem na Alemanha, o que nos deixa muito tristes porque amamos tanto o país. É só isso. Venha, coma alguma coisa. Está quase na hora de ir à escola.

– Mas papai...

– Assunto encerrado, Anne.



Mamãe forçou um sorriso para Anne. Mesmo assim, ela continuou preocupada. Apostava que tinha algo a ver com aquele homem chamado Hitler, o líder da Alemanha. Mas os pais não queriam falar sobre isso. Para eles, o assunto estava encerrado.

Anne descobriu depois o que realmente tinha acontecido. Os irmãos da mamãe, os tios Julius e Walter, haviam sido presos pelos nazistas após uma noite terrível de muita violência contra os judeus. Aquela noite ficou conhecida como a Noite dos Cristais. Mamãe estava muito preocupada com eles.

Algumas semanas depois dessa conversa, mamãe e Margot estavam se arrumando para ir à sinagoga. Era uma manhã de sábado. Papai tinha ido ao escritório trabalhar por algumas horas, e Anne foi à escola, como de costume. Papai e mamãe convidaram vários conhecidos judeus do bairro, que também tinham vindo da Alemanha, para ir a sua casa naquela tarde, algo que faziam regularmente aos sábados.

– Não se esqueça de buscar o *Kuchen* na padaria, Otto!

– Bolo em holandês é *taart*, mãe. Não é *Kuchen*.

– É claro, Anne – suspirou sua mãe. – Assim que chegar da escola, lave o cabelo e coloque o *Kleid* que separei para você.

– Você quer dizer *jurk*, vestido...

– Anne, pare com isso – falou papai em um tom ríspido.

– Quantas pessoas vêm hoje à tarde? – perguntou Anne.

– Virão algumas pessoas novas. E os velhos conhecidos: os pais de Hannah, os pais de Sanne, meu colega Van Pels com a esposa... A casa vai ficar cheia e animada.

– Miep e Jan vêm também? – Miep era a assistente do pai no escritório, e ela e o noivo Jan tinham se tornado amigos da família Frank.

– Acho que sim. Foram convidados.

– Que ótimo! – disse Anne. Ela gostava muito de Miep e Jan.

O tempo na escola passou rápido. Como todo sábado, os alunos tinham que arrumar tudo, tirar poeira e passar um pano na sala antes de irem embora. Algumas crianças judias, como Hannah, não iam à escola aos sábados de manhã porque iam à sinagoga, mas mesmo assim havia muitas outras crianças na sala. Algumas, como Anne, eram judias, outras eram cristãs, e outras não eram de nenhuma religião. Algumas crianças eram da Alemanha, mas isso não importava. Ninguém costumava falar sobre suas origens.

Naquela tarde, o trabalho de Anne foi abrir a porta para os convidados.

– Não se esqueça de se apresentar e oferecer a mão para cumprimentá-los – disse mamãe.

Anne já conhecia a maioria dos convidados, mas em certo momento um casal desconhecido tocou a campainha.

– Meu nome é Fritz Pfeffer, e essa é minha esposa, Charlotte Kaletta – disse o homem, com voz amigável. Ele falou em alemão.

– Bem-vindos à nossa casa – disse Anne, educadamente.

Enquanto os levava para cumprimentar seus pais, Anne percebeu que o clima na sala não estava nada bom. Havia muitas pessoas, como papai dissera, mas os convidados pareciam abatidos e quase não tocaram no bolo nem nas comidas. Depois, Anne observou que mamãe cobriu a boca com a mão quando conversava com o sr. Pfeffer, claramente chocada com algo que ele dissera. Anne se lembrou do que a mãe tinha falado algumas semanas antes, no café da manhã: “Não se preocupe. Já passou.” Mas era óbvio que todos estavam muito preocupados.

Mesmo assim, Anne ainda teria muitas alegrias nos meses seguintes. Sua festa de aniversário, por exemplo. Era junho de 1939, e faltavam apenas alguns dias para ela completar dez anos. Ela estava feliz porque o seu aniversário cairia durante a semana. Assim ela encontraria todos os amigos do colégio primeiro, e depois teria uma festinha em casa. Claro que iria convidar Hanneli e Sanne. As pessoas

as chamavam de Hanne, Sanne e Anne. Eram melhores amigas desde pequenas, inclusive por causa das famílias: todas eram alemãs e judias. Ela também iria convidar Ietje, Lucie, Martha e Mary. E Juultje e Kitty, naturalmente. Eram todas boas amigas também. Nove meninas! Ia ser muito divertido.

Na tarde daquela segunda-feira, 12 de junho de 1939, as meninas chegaram na casa uma a uma. Anne recebeu todas as suas amigas na porta.

– É assim que se faz – disse mamãe.

Era um dia lindo. Anne estava usando seu vestido favorito, com estampa florida e uma pequena gola branca. Martha usava um laço festivo no cabelo. Já Mary optou por dois laços. Todas usavam vestidos de verão naquele dia ensolarado e radiante. Anne estava radiante também: amava ser o centro das atenções.

Mamãe tinha feito um bolo e preparado algo para beber. Em seguida, começou a cantar timidamente:

– Parabéns pra você, nessa data querida...

As amigas cantaram animadas, e Anne vibrou. Depois, cada menina lhe deu um presente. Impaciente, ela rasgava todos os embrulhos logo que os recebia. Adorava presentes! Após abrir todos os presentes e comer o bolo, chegou a hora das brincadeiras. Otto chamou todas as meninas para sentar em uma roda no chão.

– Por quê, sr. Frank? – perguntou Juultje, meio desconfiada.

– Você já vai ver – respondeu o pai de Anne, fazendo mistério. – Agora tirem os sapatos.

Algumas das meninas começaram a rir. O que ia acontecer?

Papai pegou uma manta bem grande e cobriu os pés das garotas.

– Agora vou colocar os sapatos de novo, sem olhar para seus pés.

– Você nunca vai conseguir! – deixou escapar Ietje.

– Vamos ver! – disse papai. Ele pegou um sapato e começou a tatear os pés diferentes debaixo da manta. Não demorou muito para que todas as meninas comessem a rir. Anne olhou para o pai com admiração. Ele era um homem maravilhoso. Ninguém tinha um pai tão divertido quanto o seu *Pim*, como ela carinhosamente o chamava.

Mais tarde, papai tirou uma linda foto das nove amigas. Foi o melhor dia de todos os tempos. Um dia que se desejaria ter todos os dias.

Família

Em janeiro de 1933, quando Hitler e seu partido nazista assumiram o poder, parte da família do papai já tinha deixado a Alemanha. Tia Leni e sua família estavam morando na Suíça havia alguns anos e, no outono de 1933, vovó Frank também se mudou para lá. Tio Robert e a esposa foram embora para Londres em 1933, e tio Herbert já se mudara para a França em 1932.

A família da mamãe, contudo, ainda morava na Alemanha. Vovó Holländer e os dois tios solteiros de Anne, Julius e Walter, viviam em Aachen, perto da fronteira com a Holanda.

A partir de 1933, os nazistas tornaram a vida dos judeus na Alemanha ainda mais difícil. Professores judeus perderam seus empregos. Judeus foram proibidos de se casar com não judeus. Havia placas em muitas cidades e vilarejos alemães informando que os judeus não eram bem-vindos. Muitos tentaram deixar a Alemanha, procurando refúgio em outros países. Mas isso não era sempre fácil: era muito caro; depois, tinham de encontrar casa e trabalho.

Os pais de Anne fizeram de tudo para trazer vovó Holländer para a Holanda, mas era muito difícil conseguir todos os documentos oficiais. Então algo terrível aconteceu.

Na noite de 9 para 10 de novembro de 1938, os nazistas atacaram judeus em toda a Alemanha. Mataram mais de cem judeus, prenderam mais de 30 mil. Destruíram sinagogas, lojas de propriedade de judeus, casas e cemitérios. Essa noite ficou conhecida na história como a Noite dos Cristais, por causa da quantidade de vidro quebrado na rua.

Os tios de Anne, Walter e Julius, foram presos poucos dias depois daquela noite. Tio Julius foi liberado logo em seguida porque tinha lutado pela Alemanha na Primeira Guerra Mundial, mas tio Walter foi enviado para um campo de concentração, que era um grande campo transformado em prisão, com cercas altas e arame farpado. A família entrou em pânico. Como fariam para libertar tio Walter e como poderiam tirar Julius e ele da Alemanha o mais depressa possível? E a vovó? Quando dariam autorização para que ela fosse para Amsterdã?

Fugindo dos nazistas

– Conseguimos, Edith!

Estavam em meados de novembro de 1938. Papai entrou na sala ainda de casaco. Tensa, mamãe olhou para ele. Parecia já saber sobre o que ele estava falando.

Papai fez que sim com a cabeça.

– Agora vou tentar trazer o Julius para cá também. E Walter. Mas não vai ser fácil.

Mamãe parecia ansiosa.

– Força, Edith. Não podemos perder a esperança – sussurrou papai.

– O que foi, mamãe? – perguntou Anne preocupada.

Mamãe não respondeu.

Papai chamou Margot, que estava no quarto.

– Sentem-se aqui, por favor – disse.

As duas meninas puxaram cadeiras e se juntaram à mesa com os pais.

– Tivemos notícias da vovó. Ela recebeu autorização do governo holandês para vir morar com a gente.

– Isso é maravilhoso! – disse Anne. – Quando ela chega?

– O mais rápido possível. Mas vovó ainda precisa resolver algumas coisas.

Anne estava feliz, muito feliz. Mas mamãe estava quieta.

– Você não está feliz, mãe? – perguntou Anne.

Papai respondeu por ela:

– Mamãe também gostaria que tio Julius e tio Walter saíssem da Alemanha. Mas é claro que está aliviada porque, pelo menos, a vovó vai poder vir.

Anne agora entendia a preocupação da mãe. Sabia que vovó, tio Julius e tio Walter estavam passando por grandes dificuldades na Alemanha. A todo momento, a menina perguntava o que estava acontecendo por lá, mas papai falava para ela não se preocupar, que não era assunto para criança. Contudo, Anne sabia que muitos dos problemas eram causados por aquele homem chamado Hitler, que agora governava a Alemanha.



Hitler odiava os judeus, e muitas pessoas concordavam com o ponto de vista dele. Anne também sabia que os nazistas tinham prendido seus tios e que apenas tio Julius fora solto. Tio Walter estava em algum campo de concentração na

Alemanha. Mamãe tinha contado isso a elas depois que as meninas perceberam seu aspecto cada vez mais preocupado.

– Bom, meninas, vão para o quarto, por favor. Assim posso conversar com mamãe sobre o que precisamos fazer – disse papai.

Anne e Margot foram para o quarto que dividiam, do outro lado do corredor. Margot fechou a porta, mas Anne, curiosa, apertou o ouvido contra a porta.

– Anne! – censurou-a Margot, chateada. – Quando papai e mamãe quiserem que a gente saiba de alguma coisa, eles nos dirão!



– Você é uma santinha do pau oco! – resmungou Anne, mas se afastou da porta.

No mesmo dia, o pai escreveu a uma organização que ajudava refugiados judeus, pedindo autorização para que tio Julius entrasse na Holanda. Na carta, dizia que a intenção de Julius era seguir para os Estados Unidos e que ele estaria na Holanda apenas de passagem. E que ele, Otto Frank, o hospedaria em sua casa. Não podiam fazer nada por tio Walter além de rezar para que fosse liberto logo. Depois, ele também seguiria viagem para os Estados Unidos. Pelo menos, era esse o plano.

Semanas se passaram sem novidades. Mas, no fim de dezembro de 1938, finalmente chegou uma boa notícia:

– Os nazistas soltaram Walter – contou papai, aliviado.

Mamãe começou a chorar de felicidade.

– Ele virá em breve para a Holanda – disse ele em seguida.

– Ele vem morar aqui, Pim? – perguntou Anne.

Papai disse que isso não seria possível. Na Holanda, tio Walter ficaria em um

campo de refugiados.

– Mas por quê? – quis saber Margot.

– Ele não tem permissão para ficar no país – explicou papai. – O governo holandês acha que já está abrigando judeus alemães demais. Ele vai ficar lá até poder viajar para outro país.

– Então ele vai para outro tipo de prisão? – deduziu Anne.

Mamãe fez que não com a cabeça.

– É apenas temporário, Anne. Seus tios vão para os Estados Unidos.

– Para os Estados Unidos? – perguntou Anne. – Jura? Que bom!

Após alguns meses, veio o grande dia. Era março de 1939, e tio Julius chegou a Amsterdã. A organização holandesa para quem papai havia escrito tornou isso possível. Tio Julius foi autorizado a se hospedar na casa da irmã até viajar para os Estados Unidos. Tio Walter, infelizmente, ainda não recebera permissão para entrar nos Estados Unidos. Os planos mudaram. Agora tio Julius se estabeleceria primeiro e esperaria que Walter pudesse segui-lo em breve.

Depois de quase uma semana, vovó Holländer também chegou em Amsterdã.

– Vovó! – vibrou Anne quando ouviu o barulho da chave na porta da frente.

Mamãe e Margot já tinham ido até a porta. Papai entrou com vovó. Anne dava pulos de alegria. Vovó subiu os degraus da escada bem devagar. Levantou a cabeça e sorriu para Anne, que levou um susto. Vovó parecia tão velhinha! Muito mais velha do que da última vez que a vira.

Ela abraçou forte a avó.

– Que bom que a senhora chegou, vovó!

Mamãe também abraçou e beijou vovó e ajudou-a a tirar o casaco. Tio Julius estava aliviado que sua mãe havia chegado bem.

Margot ajudou papai a carregar as duas malas até o canto da sala, que agora fora transformado num quarto para ela.

– Olha, vovó! – Anne apontou. – Aqui está sua cama.

Vovó assentiu, agradecida, mas Anne percebeu uma grande tristeza em seu olhar.

– Meninas, deixem a vovó sozinha um pouco – pediu mamãe.

Anne e Margot entenderam o recado e foram para o quarto.

– Não entendo. A vovó não ficou feliz de estar aqui com a gente? – perguntou Anne.



– Ela teve que abandonar tudo, Anne – disse Margot, quase sussurrando.

Tudo?, pensou Anne. *Tudo mesmo?* Tio Julius e vovó tinham chegado com apenas algumas malas. Deixaram para trás móveis, livros, quadros e todo o resto? Ou chegariam depois?

De noite, Anne não aguentou e fez diversas perguntas ao pai. Ele respondeu calmamente:

– Preste atenção, Anne. Tio Julius vai para os Estados Unidos. Esperamos que tio Walter em breve se junte a ele. Vovó agora está conosco. Isso é o mais importante. Os três estão a salvo.

– Mas Pim...

– Acredite em mim, Anne. As coisas deles não são importantes.

– Mas...

Papai balançou a cabeça. O assunto estava encerrado.

No dia seguinte, tio Julius se preparou para viajar. Primeiro, ele iria de trem até Roterdã, de onde embarcaria no navio *Veendam*. A campainha tocou. Mamãe abriu a porta e depois subiu a escada, toda feliz.

– Olha só, Julius! Veja só quem veio se despedir de você!

– Tio Walter! – exclamou Anne.

Todo mundo ficou emocionado ao vê-lo. Papai obteve permissão para que tio Walter pudesse sair do campo de refugiados por algumas horas para se despedir do irmão. E para abraçar a mãe, que ele não via havia meses. Claro, também para ver a irmã, o cunhado Otto e as meninas, suas sobrinhas.

Tio Walter sorriu. Estava muito feliz em rever todos. Claro que a vida no campo de refugiados não era um mar de rosas, falou:

– Agora mamãe está aqui em Amsterdã, Julius está prestes a atravessar o oceano e, em breve, vou me juntar a ele. Todos escapamos dos nazistas!

Chegou a hora de se despedir de tio Julius.

– Vou escrever sempre que puder – disse ele, enquanto dava um forte abraço na vovó. – Cuide bem da mamãe – sussurrou para a irmã. Ela fez que sim, mas parecia triste demais para responder. – Meninas! – dirigiu-se a Anne e Margot, forçando um tom alegre. – Continuem crescendo lindas e inteligentes! Um dia espero recebê-las nos Estados Unidos.

– Com certeza! – falou Anne, feliz. – Seria ótimo, tio Julius!

Em seguida, ele abraçou o irmão.

– Agente firme – disse tio Julius. – Espero que você venha logo me encontrar. Tio Walter fez que sim com a cabeça.

Tio Julius apertou levemente a mão de vovó uma última vez, pegou suas malas e desceu a escada com papai. Anne correu até a janela para dar tchau. Margot e tio Walter foram atrás dela. Mas mamãe e vovó só se deixaram afundar em uma cadeira, sem dizer nada.

Naquela primavera, um dia Anne chegou do colégio e correu até a vovó porque queria lhe contar todas as novidades, como sempre fazia. Falaria sobre as brincadeiras de pular corda, sobre as travessuras com a professora Godron, sobre as somas difíceis na aula de matemática. Sobre as histórias que Hanneli contara,

sobre Mary e Juultje e Ietje. Vovó adorava todas as histórias e sempre a escutava com muita paciência. Mas naquele dia ela interrompeu Anne depois de alguns minutos.

– Tenho uma surpresa para você, Anne. Uma carta.

– Uma carta? Onde?

– Em cima da escrivaninha de vocês.

– Vou ver agora mesmo! – gritou ela enquanto ia em direção ao quarto.

Em cima da escrivaninha, do lado da janela, estavam duas cartas, uma para Margot e outra para ela.

“Srta. Anne Frank” estava escrito na carta.

“Senhorita?” Que engraçado! “Praça Merwede, 37, Amsterdã”. Anne viu pelo carimbo no selo que a carta tinha sido enviada de Amsterdã. Mas o melhor de tudo era o que estava escrito no canto esquerdo superior do envelope: “Assunto particular”. Isso tornava a carta muito interessante mesmo!

Anne reconheceu a letra. Era uma carta de Pim. Ela enfiou o dedo na abertura do envelope para abri-lo.

No cabeçalho da carta, estava a data: 12 de maio de 1939. Isso seria amanhã.

Era o dia do casamento dos pais e a data em que o pai completaria cinquenta anos. Naquele dia tão importante, ele queria dar algo especial para ela. Era um costume da família: escrever uma carta ou um poema original em um dia comemorativo. Mamãe provavelmente receberia uma carta também.

“*Mein liebes Annelein*”, assim começava a carta. “Minha querida Annezinha.”

Ela devorou as palavras do pai. Sorriu, gargalhou e se emocionou. Que linda carta!

Depois, leu cada frase uma segunda vez.

“A vida com você nem sempre é fácil, Anne”, dizia a carta. “Seria bom se você falasse ‘mas...’ um pouquinho menos.”

Isso fez Anne rir. Sempre quando papai, mamãe, vovó ou a professora diziam algo, ela respondia “mas...”. Anne realmente queria sempre saber mais. E gostava de corrigir os outros. Papai achava que ela deveria aprender a se acalmar, contar até dez e a pensar antes de falar. Porque há pessoas que ficam chateadas com esses “mas”, e muitas vezes os adultos têm seus motivos para não dar mais detalhes. Ela não precisava saber tudo.

Anne continuou lendo a carta:

“Mas nada disso importa muito, desde que você continue sempre sendo uma boa pessoa.” Que palavras gentis! Então ela leu a última frase: “Que você sempre continue alegre e sorridente, com esse sorriso que traz tanta alegria para sua vida, para a nossa e a dos outros.”

Papai assinou a carta “Seu Pim”.

Anne apertou a carta contra o peito. Era a carta mais linda que já tinha recebido. Decidiu guardá-la para sempre. Para sempre.



Começaram as férias de verão de 1939. Quando elas acabassem, Anne iria para o quinto ano do ensino fundamental. A família não podia viajar, mas ainda havia muitas coisas divertidas para fazer. Eles iam à praia, os amigos vinham

brincar em casa e havia várias festas. As meninas também passavam muito tempo escrevendo em álbuns de poesia, lindos cadernos em que as amigas escreviam um poema ou uma dedicatória para que se lembrassem umas das outras no futuro. Juultje, uma colega da turma de Anne, ganhou um desses álbuns de presente de aniversário de Kitty, que também estava com elas. Naquele momento, era a vez de Anne escrever algo para a amiga, e o caderno estava em cima da escrivaninha dela.

– Mãe, você tem uma foto minha que eu possa usar?

– Para quê?

– Para o álbum de poesia da Juultje.

Mamãe pegou uma folha com fotos 3x4 e foi procurar uma tesoura.

– Essas não! São do ano passado! Quero uma foto nova!

– Mas essas estão ótimas, Anne. Vamos mandar a foto deste ano para a família.

– Nessa foto pareço uma criança...

– É do ano passado, Anne. É essa ou nenhuma!

Anne pegou a foto. Chateada, voltou à escrivaninha. Abriu o caderno. Kitty, Hanneli e Ietje já tinham deixado mensagens e incluído uma foto com as poesias. Comparada com as delas, a foto de Anne não estava tão ruim assim. Não havia outro jeito. Pegou a caneta e começou a dar leves batidas com a ponta da caneta na mesa enquanto pensava: *O que escrever? Tap, tap, tap...*

Ela teve uma ideia. Usando sua melhor letra, escreveu:

Querida Juultje

O que escrever nesta folha?

Querida, fiz esta escolha:

Desejo saúde e o poder do bem

Muita coragem e o melhor que a vida tem

E não importa o que acontecer

Depois da chuva o sol sempre volta a aparecer.

Com muito carinho

Da amiga

Anne Frank

Pronto. Ficou bonitinho. Pelo menos ela achou. Anne esperou a tinta da caneta secar bem, e depois, nos cantos da página em que colou a foto, escreveu: *Nunca se esqueça de mim.*

Guerra

Apesar de gostarem de morar na Holanda, os pais de Anne estavam muito preocupados com o que poderia acontecer. Tinham ouvido notícias terríveis sobre judeus sendo atacados, presos e assassinados. Um homem que permitia que coisas assim acontecessem provavelmente era capaz de atrocidades piores. Hitler parecia querer provocar uma guerra.

Esse pressentimento se tornou realidade no dia 1º de setembro de 1939, quando o exército alemão invadiu a Polônia, o país vizinho. A Inglaterra e a França ficaram tão enfurecidas que declararam guerra à Alemanha. Mas isso não intimidou Hitler, que, em abril de 1940, também atacou a Dinamarca e a Noruega.

Os pais de Anne, então, começaram a ficar com muito medo. A Holanda sempre havia se declarado neutra naquele conflito. Isso significava que o país não queria se envolver com os outros em guerra, como havia feito na Primeira Guerra Mundial. Mas agora várias nações a sua volta já estavam em guerra contra a Alemanha. Será que a Holanda conseguiria preservar a neutralidade? Afinal, os soldados holandeses tinham passado meses treinando para se defender caso o exército alemão resolvesse atacar.

Os pais de Anne e vovó decidiram esconder suas preocupações de Anne e Margot. Não importava o que acontecesse, não queriam perder a esperança.

Bombardeio no aeroporto Schiphol

– Olha só, Anne. – Papai e Anne estavam sentados à mesa com um atlas aberto.
– Aqui é onde moram tio Julius e tio Walter, nos Estados Unidos, no estado de Massachusetts. – Papai apontou para a costa leste dos Estados Unidos.

Alguns meses antes, tio Walter também tinha chegado ao país, depois de conseguir os documentos necessários. Todos estavam muito aliviados.

– Aqui embaixo fica Nova York – explicava papai. – Trabalhei lá durante algum tempo antes de conhecer a mãe de vocês.

Anne assentiu com a cabeça. Papai já tinha contado essa história antes.

Depois ele apontou o dedo indicador para o centro do mapa.

– Aqui fica o estado de Iowa. É onde moram suas amigas por correspondência.

– Iowa fica longe de Massachusetts? – perguntou Anne.

– Mais ou menos uns dois mil quilômetros.

– É muito longe!

– Qual é o nome da cidade onde mora sua amiga por correspondência?



Anne tirou a carta de Juanita Wagner do envelope. Seus olhos passaram pelas

frases em inglês que tinha acabado de ler com o pai. Ali estava: Danville, perto de Burlington, no estado de Iowa. Juntos, os dois debruçaram-se sobre o mapa.

– Aqui! – Anne havia encontrado. Bem, a cidade de Burlington, pelo menos. Danville provavelmente era pequena demais para aparecer em um mapa. Era naquela região que ficava a fazenda onde Juanita morava com Betty Ann, sua irmã mais velha. – É muito legal que a amiga por correspondência da Margot tenha uma irmã mais nova, Pim. Assim, ela pode se corresponder com a Betty Ann, e eu com a Juanita.

Papai concordou.

– É maravilhoso, Anne.

– Você vai me ajudar depois, não é? Não sei como faço para escrever uma carta em inglês.

– Escreva o rascunho primeiro.

Anne foi até a escrivaninha no seu quarto e começou a escrever na mesma hora: *Segunda-feira, 29 de abril de 1940*. Em seguida, escreveu sobre o pai, a mãe, Margot e vovó. Contou da escola e da coleção de cartões-postais. E sobre a colega, Mary Bos, que se mudara para Nova York. Escreveu uma longa carta, bonita e simpática. Anne resolveu incluir um mapa de Amsterdã e uma foto sua.

Depois que papai traduziu a carta para o inglês, Anne copiou tudo em um lindo papel de carta azul-claro. *Será que Juanita vai demorar para responder? Tomara que não!* Anne adorava a ideia de ter uma amiga por correspondência. *Será que vai enviar uma foto dela também?* Anne estava muito curiosa para saber como era Juanita.

– Será que a carta de Juanita vai chegar logo? – perguntou Anne uma semana depois. Era uma linda noite de maio. Estava na hora de dormir. Papai veio dar um beijo de boa noite.

– Ainda não, querida. Não é tão rápido assim. Pode demorar mais umas duas semanas.

– Tá bom – resmungou Anne.

– Boa noite, filha.

Papai fechou a porta, e Anne logo caiu em um sono profundo.

De madrugada, ela acordou com um barulho estranho, forte. Sentou na cama. Margot também estava acordada. Lá fora, dava para ouvir uma explosão abafada. Parecia ser longe, mas ainda dava muito medo. E mais uma. E outra. Depois, um som de zumbido, profundo, que parecia se aproximar aos poucos.

– Isso não é trovoadas não, né? – perguntou Anne, assustada. Tinha medo de trovoadas e mais pavor ainda de relâmpago. Mas aquilo não era relâmpago. Era outra coisa.



Antes que Margot respondesse, ouviram um estrondo muito próximo. Anne pulou da cama e correu até o quarto dos pais. Papai já estava de pé. Mamãe parecia sentir medo.

– O que está acontecendo, Pim? – A voz de Anne estava trêmula, e ela abraçou forte o pai.

– Não sei, filha – respondeu ele, tentando mantê-la calma. Mas Anne percebeu a preocupação no seu tom de voz.

Escutaram um ruído no corredor. Era vovó na porta do quarto. Ela também tinha acordado. Papai se soltou do abraço de Anne e foi até a janela. Abriu as cortinas. Era uma noite sem nuvens. Não havia muito para ver. Até que o zumbido e o estrondo tenebrosos se aproximaram de novo. Anne, Margot, mamãe e vovó foram até a janela. Agora viam o que estava acontecendo. Eram aviões. Muitos e muitos aviões.

– O que eles estão fazendo aqui, Pim? – perguntou Anne com a voz carregada de medo.

Papai não disse nada. Absolutamente nada.

– *Du meine Güte* – disse mamãe em alemão, o que significa algo como ‘Meu Deus do céu’.

Anne começou a chorar.

– Fale alguma coisa, por favor!

Papai foi até ela e tentou consolá-la, abraçando-a.

– Não sabemos o que está acontecendo, Anne. Vamos tentar manter a calma.

Eram quase quatro horas da manhã de sexta-feira, 10 de maio de 1940, e em toda a cidade de Amsterdã as pessoas olhavam apavoradas pelas janelas. Anne e sua família viram os aviões, talvez dezenas deles. Tantos que era impossível contar. Escutavam estrondo após estrondo. E dava para ver fumaça acima dos telhados.

– O aeroporto Schiphol – disse papai apenas.

– A guerra começou, papai? – sussurrou Margot.

– Não sei, filha – respondeu. – Mas coisa boa não é.

Anne olhou para o pai, para Margot e de novo para o pai. Guerra? Mas o que isso significava?

Papai foi até a sala ligar o rádio. Talvez já houvesse alguma notícia sobre o que estava acontecendo. Mas não havia notícias.

Por duas horas, os aviões não pararam de sobrevoar a cidade. Por volta das seis da manhã, o silêncio retornou. Mas ninguém mais conseguia dormir. Mamãe preparou o café da manhã. Contudo, ninguém sentia fome.

Às oito da manhã, finalmente alguma notícia. Os cinco ficaram em total silêncio enquanto o apresentador lia uma mensagem em nome de Sua Majestade a Rainha:

– Meu povo... – começou ele. Anne não entendeu bem o relato que o apresentador estava lendo. – Um ataque repentino ao nosso território – ouviu ela. – Apesar do reconhecimento formal da neutralidade do nosso país... – O que queria dizer isso? – Eu e meu governo continuaremos a cumprir nosso dever.

Quando a mensagem chegou ao fim, mamãe tinha lágrimas nos olhos e segurava a mão de vovó. Papai olhava para o nada, em silêncio total. Margot também estava muito quieta.

Anne finalmente rompeu o silêncio:

– Não entendi nada. O que ele disse, afinal de contas?

Papai suspirou.

– Ele disse... – começou, mas teve que limpar a garganta. – Ele disse que o exército alemão atacou a Holanda.

– E o que vai acontecer agora, papai?

– Não sei – sussurrou ele. – Teremos que aguardar.

– Mas – começou Anne.

Papai balançou a cabeça. Seu olhar estava triste.

Naquela manhã, papai levou Anne à escola, mas lá foram informados que as escolas permaneceriam fechadas até a situação ficar mais clara. No caminho de volta para casa, viram muitas pessoas conversando nas calçadas. Fora isso, parecia um dia normal. Nada de aviões, nada de estrondos distantes.

Horas depois, ela quis visitar Hanneli, ou ver Sanne, mas mamãe disse para ela ficar em casa.

– Por quê? Está um dia lindo e não tem nada acontecendo lá fora!

– Nada de discussão, Anne. Obedeça!

– Posso ligar para elas?

– O telefone está mudo.

– Por quê?

– Não sei, Anne.

– Venha – disse vovó, tentando manter um tom alegre. – Vamos jogar alguma

coisa.

Foi um dia muito estranho. Mamãe estava muito irritada e nervosa. Papai resolveu ir ao escritório apesar de tudo. Margot fez seu dever de casa, e Anne e vovó passaram o tempo jogando.

Lá fora o sol brilhava. Quando papai chegou no fim da manhã, parecia muito preocupado.

Ao anoitecer, as luzes só foram acesas depois que papai e mamãe fecharam bem as cortinas. Papai ouvira no rádio que todos deveriam manter as casas no escuro. Para evitar que vazasse qualquer luz, colaram papel nas janelas. Assim os pilotos alemães não conseguiriam ver onde as pessoas moravam e não poderiam bombardear os alvos importantes da cidade. Mas papai não explicou nada disso. Apenas falou que era para ajudar os soldados holandeses.

– As tropas holandesas estão lutando corajosamente contra os invasores alemães. A batalha ainda não terminou – disse em tom calmo.

Mas todos ficaram com medo de novo quando, no dia seguinte, o alarme antiaéreo tocou por muito tempo. E de novo no dia seguinte. E no outro. Os aviões não paravam de sobrevoar a cidade, e às vezes se ouviam fortes estrondos. O que estava acontecendo? Por que aquilo não parava? Os soldados holandeses iam expulsar os invasores, não iam?

Em 15 de maio, cinco dias depois daquela primeira noite apavorante, papai chamou Anne e Margot.

– O exército holandês se rendeu – disse ele e segurou a mão das meninas. – Nossa rainha, a família real e o governo fugiram para a Inglaterra. A partir de agora, os alemães estão no comando.

Anne não sabia bem o que pensar.

– Isso é ruim?

– Precisamos manter a calma. É a única coisa que podemos fazer, certo?

Anne concordou, mas ao mesmo tempo estava confusa. Já podia voltar a brincar na rua? Ou não? E poderia ir à escola e ver as amigas?

Duas semanas se passaram. As tropas alemãs invadiram a cidade com tanques. Veículos do exército com soldados alemães patrulhavam frequentemente as ruas de Amsterdã. Em algumas ocasiões, esbarravam com soldados alemães armados de fuzil nas lojas. Era muito assustador. Às vezes, eles marchavam com botas barulhentas pelas ruas. Mas as escolas tinham voltado a funcionar normalmente.



- Não vejo muita diferença agora que os alemães estão no comando. E você?
- perguntou Anne a Hannah certa tarde.
- Estavam no quarto de Anne vendo algumas figurinhas de estrelas de cinema. Hannah não respondeu. Depois disse:
- Você consegue guardar um segredo?
- Com olhar sério, Anne fez que sim com a cabeça.
- A amiga hesitou.
- Eu não deveria falar nada.
- Eu juro! – disse Anne com voz solene.
- Hannah se aproximou de Anne e falou bem baixinho:
- Os meus pais rasgaram vários documentos, jogaram no vaso e deram descarga.
- Mas por que fizeram isso, Hanneli?
- Papai não explicou, mas acho que continham informações perigosas.
- Anne franziu as sobrancelhas.
- Coisas que Hitler não aprovaria – esclareceu Hanna. – Que poderiam complicar nossa vida se os nazistas encontrassem.
- Você estava lá?
- Hannah confirmou.
- Eu dava descarga o tempo todo.
- Anne arregalou os olhos. Também baixou a voz.
- Sanne disse que o pai queimou alguns livros dela que os nazistas não

aprovariam.

– Você está com medo? – perguntou Hannah.

– Estou sim. Mas meus pais falaram que não é preciso ter medo. Achem que não vai durar muito.

– Meus pais também falam isso – disse Hannah. – Mas, mesmo assim, estão muito nervosos.

Anne concordou. Mamãe também andava muito nervosa. Papai manteve a calma e ia todos os dias para o escritório como se nada tivesse acontecido.

Naquele verão, Anne aguardou ansiosamente uma carta de Juanita, dos Estados Unidos. Mas nada chegou.

– Pode ter algo a ver com a guerra – disse papai quando Anne perguntou sobre a carta.

Anne achava isso muito estranho. A Alemanha agora era inimiga dos Estados Unidos? Agora que estavam em guerra, nem tudo era como antes. Mas felizmente algumas coisas não mudaram.

Quando fazia sol, a família Frank ia à praia, como nos verões anteriores. Nos outros dias, Anne brincava na casa das amigas, e as meninas também vinham à casa dela. Terminadas as férias de verão, Anne passou para o último ano daquela escola. Em alguns dias, dava até para esquecer que havia uma guerra. Mas de noite, quando ouviam os aviões alemães sobrevoarem a cidade a caminho da Inglaterra, Anne às vezes chorava de medo em silêncio. Era o pai quem a consolava, acariciando seu cabelo.

– Vai ficar tudo bem, Anne. Não se preocupe. Estamos aqui.

Às vezes, quando entrava na sala sem avisar, Anne percebia que os pais paravam de falar de repente. Mas, quando ela perguntava se algo tinha acontecido, os dois insistiam que estava tudo bem.

Seis meses depois da ocupação alemã, papai mudou sua empresa para outro prédio. Apesar da guerra, estava fazendo bons negócios. O novo endereço ficava perto da Westertoren, a torre da igreja Westerkerk, um lugar histórico de Amsterdã, na Prinsengracht, 263. Era um prédio antigo, estreito e fundo, de frente para um canal. Na primeira vez que Anne visitou o lugar, achou que era um verdadeiro labirinto. Quantas escadas e corredores! Depois de passar por todos os cômodos, ainda havia outro prédio, uma espécie de anexo nos fundos do escritório. O lugar perfeito para brincar de esconde-esconde!

O ano era 1941. Logo depois do ano-novo, Anne chegou transtornada em casa:

– As crianças na escola estão dizendo que os judeus não podem mais ir aos cinemas, mãe. Mas isso não pode ser verdade, né?

Mamãe deu um beijo nela e disse calmamente:

– Nós também ouvimos essa notícia, mas podia ser pior.

– Como você pode dizer uma coisa dessas, mãe! Você sabe que adoro ir ao cinema!

– Você pode convidar as amigas para verem um filme aqui em casa sempre que quiser. Papai passa os filmes para vocês aqui em casa, que tal?

– Mas não é a mesma coisa!

– Vamos tentar fazer o melhor possível, Anne!

Mas Anne cerrou os punhos de raiva. Que bobagem era essa! Ser proibida de ir ao cinema só porque era judia.

Em uma ensolarada tarde de domingo na primavera de 1941, papai estava indo até o escritório tratar de alguns assuntos.

– Posso ir, Pim? Por favor? Por favor? – implorou Anne com sua voz mais meiga.

– E fazer o quê lá?

– Bom, nada especial, né? Olhar, brincar...

Papai sorriu para ela. Anne sabia que o pai dificilmente resistia a seus pedidos.

– Está bem, por que não? – disse ele. – Mas chame uma amiga, porque realmente preciso trabalhar e não poderei ficar o tempo todo com você. Assim vocês podem brincar juntas.

Anne convidou Hannah. Os três pegaram o bonde e logo chegaram a Prinsengracht, onde ficavam os escritórios das empresas de Otto Frank, Opekta e Pectacon. Anne não sabia, mas oficialmente o pai já não era mais o dono das empresas. Os nazistas proibiram os judeus de terem seu próprio negócio; por isso, o sr. Kleiman, um dos funcionários de confiança de papai, era agora diretor da Opekta. Jan Gies, noivo de Miep, e Victor Kugler assumiram o controle da Pectacon e mudaram seu nome para Gies & Co. Papai ia menos ao escritório, mas ainda tomava todas as decisões importantes.

Anne sabia o que as empresas de papai faziam. Fabricavam um pó e um líquido que você acrescenta à fruta fresca para produzir geleias e gelatinas deliciosas. Também faziam misturas de especiarias e condimentos para temperar carne. Ao entrar no prédio, você já sentia os aromas no ar e ainda mais no armazém.

– Não façam nenhuma besteira, meninas – alertou papai, abrindo a porta do escritório.

– Mas podemos olhar as coisas, Pim? – perguntou Anne. – E brincar com os telefones?

Papai sorriu.

– Olhe aqui – disse ele, apontando para uma pequena alavanca que ficava embaixo do telefone na mesa de Miep. – Aperte esse botão para ligar para os outros telefones dentro do escritório. O ramal de Miep é um. O de Kugler é quatro. – Apontou para a placa redonda do aparelho com os números. – Se você

apertar o botão e discar o número, o telefone toca na outra sala. Entenderam?

Sorridentes, as meninas fizeram que sim com a cabeça. Que brincadeira legal!

– Vou à sala do sr. Kugler – disse Anne. – Aí você me liga, Hanneli!

Ela correu até a sala do sr. Kugler e sentou à grande mesa de madeira. Pegou um lápis e se ocupou observando uma folha de papel, como se esperasse uma ligação importante.

Trim, trim, trim!

Anne atendeu o telefone.

– Uma excelente boa tarde, aqui fala....

– Ha, ha, ha! – Do outro lado da linha, Hannah caiu na gargalhada.

– Por que você está rindo? – perguntou Anne, indignada.

– ‘Uma excelente boa tarde!’ Ninguém fala isso! ‘Uma excelente boa tarde’, ha, ha!

– Bom, estou fingindo ser o sr. Kugler! Sou uma pessoa importante nesta empresa.

– Mas você já imaginou ele falando isso?

Anne imaginou o colega do pai, um homem tranquilo e modesto. Hanneli talvez tivesse razão. Ele provavelmente atenderia o telefone de outra forma.



– Tudo bem – disse ela ao telefone. – Vou desligar, e você me liga de novo.

Impaciente, Anne batia os dedos na mesa enquanto aguardava a ligação.

– Opekta, aqui fala sr. Kugler, boa tarde.

Silêncio.

– Alô? Tem alguém aí?

Então ouviu-se uma risada e uma tossidela, seguidas pela voz de Hannah com um tom de formalidade.

– Aqui fala a sra. Van Castricum.

– Como posso ajudá-la, sra. Van Castricum?

– Tenho uma reclamação sobre o seu produto, ha,ha.

– Bem, sra. Van Castricum, e qual seria a natureza da sua reclamação?

– Bem – começou Hanneli, rindo –, hoje à tarde tentei fazer geleia de morango, mas deu tudo errado. – Ela continuava gargalhando. – A geleia foi parar até no teto da cozinha.

– Ah, não, Hanneli... Tenta levar a conversa mais a sério!

E assim as duas se divertiram a valer.

Havia passado um ano desde que o exército alemão tinha invadido a Holanda. As férias de verão de 1941 estavam prestes a começar quando Anne e Hannah receberam a notícia de que teriam que continuar na mesma escola mais um ano. Considerando suas notas, a professora Kuperus achou que precisavam adquirir mais base se quisessem passar para uma boa escola no ano seguinte. Mas primeiro elas iriam curtir as férias. Bater papo com as amigas, ler, brincar... Fazer muitas coisas divertidas, menos... ir à piscina. Logo antes do início do verão, os nazistas anunciaram um novo regulamento: judeus estavam proibidos de frequentar as piscinas públicas. Papai e mamãe tentaram minimizar a situação para Anne e Margot. Pois é, não podiam mais nadar... Teriam que aceitar isso. Felizmente ainda havia muitas outras coisas legais para fazer. Mas de noite, deitada na cama, Anne se perguntava cada vez mais qual seria a próxima proibição.



Normas

Chegou o verão de 1941. Os nazistas continuaram tornando a vida dos judeus cada vez mais difícil. Havia mais e mais proibições. Também implementaram normas contra os judeus, as quais afetavam diretamente as crianças. Já havia regras que proibiam os judeus de ir à feira, ao cinema ou à piscina. E uma importante nova lei passou a determinar que as crianças judias só poderiam estudar em escolas judias. Como consequência, Anne e Margot tiveram que mudar de escola. Assim, quase não viam mais seus amigos não judeus, o que as deixou muito tristes.

Várias coisas bastante comuns também foram proibidas, como dirigir, viajar de trem, de ônibus ou de bonde, ou fazer compras em lojas não judias. Os judeus também foram proibidos de ir à biblioteca. Patinar ou praticar qualquer outro esporte também foi proibido. Muitos judeus perderam seus empregos.

O pai de Anne escreveu carta após carta para tentar levar a família para os Estados Unidos. Ou então Cuba. Apesar de não demonstrar, ele estava desesperado. Mas todas as suas tentativas fracassaram. Não conseguiram sair da Holanda.

Em maio de 1942, os judeus foram obrigados a usar uma estrela de Davi e também proibidos de visitar os não judeus. Por isso, eles se viam cada vez mais isolados. Essa era exatamente a intenção dos alemães.



Proibido para judeus

– Você está pronta, Anne?! – gritou Margot do corredor. Anne ainda estava no quarto.

– Quase.

Havia uma pilha de roupas em cima de sua cama. Já tinha escolhido o que ia vestir. Agora só faltava escolher o casaco. Este? Ou talvez aquele? Combinaria com esses sapatos. Não, espere, esses sapatos não. Ficavam melhor com o outro casaco. Mas aí não combinariam com o vestido. A escolha era difícil, muito difícil. Anne não conseguia decidir.

– Vamos! Já estou esperando há um tempo!

– Já vou, já vou!

Anne tomou uma decisão e foi até o corredor. Margot pegou seu casaco. Mãe saiu da cozinha e entregou o lanche às meninas.

– Tome cuidado, Anne. Fique sempre perto da Margot.

– Não sou mais um bebê – resmungou Anne. Tinha completado doze anos naquele verão e acreditava que tinha idade suficiente para saber muito bem o que fazer.

Era o primeiro dia de aula do ano letivo 1941-1942, e tudo estava completamente diferente do que tinham imaginado antes das férias. Primeiro, Anne teria que se atrasar um ano porque não havia tirado notas boas. E agora ela estava indo para uma escola judia! Para um ano acima. No fim do verão, seus pais receberam uma carta dizendo que todas as crianças judias tinham que estudar em escolas judias. Então ela não podia retornar à antiga escola. Sua irmã também não. Antes das férias, Margot estudava no Liceu Municipal para Meninas. Agora as duas tinham que estudar no Liceu Israelita, uma escola nova. O trajeto de bicicleta levaria dez minutos.

– Podemos ir, finalmente? – perguntou Margot, impaciente.

Anne fez que sim.

– Até logo, meninas – disse mãe.

Mas Anne já descia a escada correndo.

O céu estava carregado de nuvens pretas. Isso era normal em outubro. Haviam demorado mais que o previsto para acomodar todas as crianças judias nas novas escolas, então as férias tinham sido muito longas.

Margot pedalava rápido.

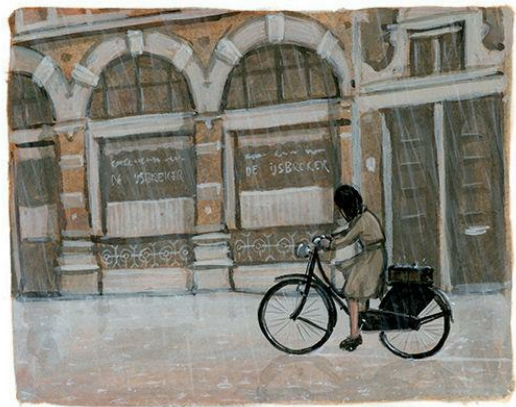
– Ande mais devagar! – pediu Anne, ofegante.

– Quero chegar antes que chova! – respondeu Margot.

Ela mal terminou de dizer isso e as primeiras gotas começaram a cair. Não demorou muito para despencar um verdadeiro temporal.

– Vá mais depressa! – gritou Margot. – Vamos chegar atrasadas!

Logo chegaram ao Liceu Israelita. Era um prédio enorme e monumental. Anne já tinha passado lá na semana anterior para ver que livros precisava encomendar e qual seria a sua turma. Ficara aliviada ao saber que Hanneli estaria na sala dela. Mas, ao entrar na escola, leu no quadro informativo que tinha sido transferida para outra turma.



– Agora não vou mais estudar com a Hanneli – disse Anne a Margot com uma voz triste. – Não conheço ninguém aqui.

– Vai dar tudo certo. – Margot sorriu, caminhando pelo corredor. – Preciso ir. Boa sorte!

Estranhando tudo, Anne foi até a sala onde a turma 1L2 tinha que se apresentar e se sentou no lugar indicado. Durante a terceira aula, criou coragem. Foi até a professora de ginástica, que parecia bastante simpática.

– Senhorita – disse Anne, bem-educada. – A minha melhor amiga, Hannah Goslar, está na turma 1L1, e eu queria tanto estudar na mesma turma que ela! Aqui não conheço quase ninguém.

A professora sorriu para Anne.

– Vou ver o que consigo fazer por você.

A próxima aula era de Geografia. Anne desviou o olhar do livro quando ouviu a porta da sala se abrir. Era Hanneli! Anne abriu um sorriso enorme quando a amiga sentou do seu lado. Tudo resolvido!

– Até amanhã! – gritou ela ao final do primeiro dia de escola para Hanneli, que estava voltando a pé para casa junto com Ilse, outra amiga.

Anne andou até o bicicletário, pegou a bicicleta e começou a pedalar na direção de casa. Logo à frente, pedalava uma menina que ela reconheceu. Era Jacqueline, da sua nova turma. Ela também dobrou a esquina e estava indo na mesma direção que Anne, que acelerou para alcançá-la.

– Jacqueline! – A garota olhou para trás. – Espere! – Anne pedalava o mais rápido possível. – Para onde você está indo?! – gritou Anne.

– Vou seguir por aqui.

– Ótimo! Então podemos ir juntas para a escola de agora em diante. – Anne viu que Jacqueline estava confusa. – Somos da mesma turma – disse ela. – Você não me viu? – Jacqueline fez que não com a cabeça. – Meu nome é Anne. Anne Frank.

Jacqueline sorriu gentilmente para ela. Anne decidiu, sem nenhuma dúvida, que aquela seria sua nova amiga de escola.

– Onde você mora?

– Na rua Hunze – respondeu Jacqueline.

– Conheço essa rua! – exclamou Anne, animada. Afinal, Miep e Jan moravam na rua Hunze. – Eu moro bem perto, na praça Merwede. Você quer ir lá em casa comigo?

– Acho que minha mãe vai ficar preocupada.

– Então liga para ela!

Jacqueline assentiu.

– Tudo bem.

Juntas subiram a escada, onde a mãe de Anne as aguardava.

– Mãe, essa é a minha nova amiga da escola – disse Anne. – O nome dela é

Jacque.

Mamãe apertou a mão de Jacqueline.

– Como foi o primeiro dia de escola?

– Foi muito bom! – respondeu Anne, alegre. – Depois vou te contar uma história engraçada sobre Hanneli. Ah, aqui está Moortje! – Anne pegou a gata preta no colo. – Não é uma fofa? Vamos pegar comida para ela!

Depois foi apresentar Jacqueline para a vovó, que estava sentada em uma cadeira perto da janela. Anne deu-lhe um beijo. Vovó tinha um aspecto muito frágil desde que fizera uma cirurgia no verão. Mas continuava carinhosa como sempre. Mais tarde, Jacqueline também conheceu a irmã e o pai da amiga. Anne adorou a companhia de Jacqueline. No mesmo dia, convidou-a para jantar em sua casa.

– E amanhã eu vou para a sua casa – decretou Anne quando se despediram.



A partir daquele dia, Jacqueline e Anne se tornaram inseparáveis. Jacqueline

também gostava de Hannah, e Anne e Jacqueline se davam bem com Ilse, a amiga de Hannah. Sanne, com quem Anne tinha passado as férias de verão, estudava em outra escola. Mas isso não a impediu de também fazer parte da turma de amigas.

Agora que os invasores alemães estavam isolando todas as crianças judias, enviando-as para escolas especiais, sensações estranhas começavam a brotar; afinal, as crianças judias não se sentiam nada diferente das outras. Nessas escolas, não só os alunos, mas também os professores eram judeus. Eles haviam sido demitidos das escolas onde trabalhavam anteriormente por serem judeus; então, o Liceu Israelita era uma escola nova para todo mundo. Ainda assim, Anne gostava muito de lá. Era um lugar onde ela se divertia, fazia dever de casa e... ficava de castigo.

– Anne Frank! – Furioso, o professor Keesing olhou para Anne. – Já pedi várias vezes para você parar com essas conversas paralelas!

Anne lançou para seu professor de matemática um olhar culpado. Pela expressão do professor, ela tinha passado dos limites.

– Já estou cansado de chamar a sua atenção. Quero que você faça uma redação sobre o tema ‘tagarela’. Duas páginas. Para amanhã.

– Sim, senhor. Peço desculpas, professor.

De tarde, Anne sentou na escrivaninha e pensou em como preencher duas páginas sobre ser “tagarela”. Humm. Ela olhou ao longe. De repente, teve uma boa ideia. Defenderia o argumento de que era vítima de um traço hereditário. Todas as mulheres gostam de conversar. É algo genético. Não há nada que elas possam fazer. Sua mãe também falava muito; então, é óbvio que herdara esse traço dela.

Sorridente, Anne entregou a redação ao professor. Mas o sorriso desapareceu quando, no dia seguinte, depois de ser pega conversando de novo, ela recebeu o castigo mais uma vez. O tema da redação agora seria: “Uma tagarela incorrigível.” Quando o segundo castigo também não foi suficiente para fazer Anne parar de falar, ela recebeu um terceiro. A turma toda riu quando o professor Keesing lhe passou o tema da terceira redação: “Quac, quac, quac, tagarelou a dona Pata.” E Anne? Sentou junto com Sanne para escrever um belo poema sobre uma mãe pata, um pai cisne e três patinhos que não paravam de falar. O professor Keesing tentou manter a compostura enquanto lia a redação, mas seus olhos brilhavam de prazer. Era impossível ficar chateado com uma aluna com tanto senso de humor!

Chegou o inverno, e Anne estava empolgada para ir patinar no gelo com suas amigas. Ela adorava patinar e, nos outros invernos, tinha aproveitado todas as chances para isso. Sonhava em um dia patinar tão bem quanto o primo Bernd, que vivia na Basileia. Seria maravilhoso patinar junto com ele depois que a

guerra terminasse. Os dois surpreenderiam a todos com suas excelentes habilidades de patinação! Mas papai precisou decepcioná-la.

– Lembra daquela lei, Anne, que foi publicada em setembro... – começou ele a explicar.

– Você diz a lei que nos proibiu de entrar nos parques. Ou em zoológicos. Ou em teatros. Ou em bibliotecas...

Papai assentiu.

– A lei também inclui a pista de patinação no gelo. Você não vai poder patinar, Anne. Sinto muito.

– Mas por quê?...

– Não tenho as respostas, Anne. – Ele segurou a mão da filha. – Vamos torcer para que, no ano que vem, nesta época, a guerra já tenha terminado. Aí você vai poder voltar a patinar.

De noite, Anne não conseguiu comer nada. Havia perdido o apetite. Sentia saudade da piscina, do cinema e da biblioteca.

Não poder patinar... Isso era horrível! Tão horrível como aquelas placas e avisos espalhados por todos os cantos da cidade, dizendo: “Proibido para judeus.” Deixavam-na furiosa e com medo, como o medo que sentia de madrugada quando ouvia os aviões sobrevoarem a sua casa. Aquela maldita guerra!



Mais coisas desagradáveis aconteceram nos meses seguintes. Vovó Holländer estava cada dia mais doente. No fim de janeiro de 1942, ela faleceu. Anne sentiu uma tristeza profunda. Sabia que a vovó estava doente, isso era claro, mas Anne não esperava que ela pudesse morrer. Vovó era uma parte importante da família!

Para esquecer um pouco a tristeza e as preocupações, os pais de Anne e Margot procuravam fazer coisas divertidas sempre que possível.

– Jacques, vou convidar nossos colegas de sala para uma sessão de cinema – disse Anne um dia, radiante. – Vai ser tão divertido! Papai vai trazer o projetor do escritório e alugar um filme.

– Sabe o que também seria divertido? – Jacqueline estava muito entusiasmada.

Curiosa, Anne olhou para a amiga.

– Que tal a gente fazer ingressos de cinema para todo mundo? Com número de poltrona e tudo?

– Boa ideia! – Anne sorriu. – E escrevemos ‘não é permitido entrar sem ingresso’.

– Vamos fazer isso! – Jacqueline gargalhou.

As meninas começaram a trabalhar imediatamente.

Nessa época, os alemães promulgavam lei após lei contra os judeus. No final de abril de 1942, informaram que todos os judeus acima de seis anos de idade tinham que exibir uma estrela de Davi.

– Temos quatro por pessoa – disse mamãe, mostrando a Anne e Margot as estrelas de tecido amarelo. Eram do tamanho da palma da mão, com grandes letras que diziam ‘judeu’.

Constava na lei que a estrela tinha que estar sempre visível; por isso, devia ser costurada nas roupas, na altura do peito, do lado esquerdo. Agora qualquer pessoa podia saber quem era judeu. Os judeus acima de quatorze anos eram obrigados a sempre portar uma carteira de identidade com um grande “J” carimbado, mas, pelo menos, o documento ficava guardado no bolso ou na bolsa. Já aquela estrela... todo mundo via de longe. Você era imediatamente reconhecido, tanto pelas pessoas que simpatizavam com os judeus quanto pelas que os odiavam. Não eram apenas os holandeses nazistas que odiavam os judeus. Os holandeses “comuns” também. Os holandeses nazistas pertenciam ao partido NSB e estavam felizes com a ocupação alemã, pois acreditavam nos métodos de Hitler e seus seguidores. Alguns pais de crianças que tinham estudado com Anne faziam parte do NSB. Era difícil compreender.

Chegou o verão. A guerra na Holanda já durava dois anos, e Anne estava prestes a completar treze.

– Você sabe o que quer de presente de aniversário? – perguntou papai.

– Bem... – disse ela. – Eu vi algo na vitrine da livraria Blankevoort.

Papai sorriu. Um livro. Claro. Anne adorava ler.

– É um diário – explicou Anne. – Com uma estampa xadrez vermelho e branca e uma pequena fechadura. É muito lindo. É o que eu quero.

– Que presente lindo – comentou mamãe. – Podemos ir juntas comprá-lo.

– Realmente combina com você – disse Margot.

Anne estava feliz. Ganharia um presente que queria muito.



Finalmente chegou sexta-feira, dia 12 de junho. No ano anterior, seu aniversário tinha sido triste porque vovó estava doente e, no ano retrasado, porque a guerra tinha acabado de começar. Agora Anne estava empolgadíssima para ter uma festa.

E que festa maravilhosa! Anne adorou todos os presentes que recebeu naquela sexta-feira, mas o diário realmente era muito especial. Ela estava muito ansiosa para escrever as primeiras linhas. Antes, porém, um dia normal de escola a aguardava. Anne levou biscoitos caseiros para distribuir entre os colegas. Depois da escola, Jacqueline, Hannah, Sanne e Ilse foram comer bolo em sua casa. Outros conhecidos também passaram por lá, como Peter van Pels, filho de amigos dos seus pais. Ele levou um chocolate. Hello Silberberg, menino de quem havia se tornado amiga nas últimas semanas, apareceu com um buquê de seis cravos.

– Não, não estou apaixonada – disse Anne para as amigas depois que ele foi embora.

– Claro que não. – Sanne gargalhou.

– Imagina! – acrescentou Ilse.

– Por que pensaríamos isso? – perguntou Jacque, sorrindo.

– Que ideia! – continuou Hanneli.

Todas caíram na gargalhada.

No domingo, vários colegas da turma foram até a casa de Anne para assistir a um filme emocionante sobre o cachorro Rin-Tin-Tin. Jacqueline, Hanneli e Ilse deram um lindo livro de presente a Anne, e outras meninas também chegaram com livros. Nanny deu a Anne um lindo marcador de página. Um presente muito útil!



Tiveram um domingo maravilhoso. Curtiram a presença dos amigos, a torta de morango que mamãe fez e as brincadeiras de papai. Não queriam nem pensar que justamente no dia do aniversário de Anne tinham descoberto que não poderiam mais comprar verduras de não judeus. Tampouco queriam pensar na estrela de Davi que todos tinham fixada no peito e que, a partir daquele dia, teriam que costurar bem. Pelo menos naquele dia, a guerra tinha parado de existir por alguns momentos. As cortinas foram fechadas. Lá fora, a guerra. Dentro de casa, era hora de assistir a Rin-Tin-Tin!

Medo

Duas semanas depois do divertido aniversário de treze anos de Anne, surgiu o boato de que todos os judeus seriam levados para campos de trabalho na Alemanha. Hoje sabemos que quase todos os judeus nesses supostos campos de trabalho foram assassinados, mas naquela época as pessoas não sabiam disso. Ou já tinham ouvido algumas histórias a respeito, mas não podiam acreditar que realmente fosse verdade. Alguns judeus achavam que seria melhor obedecer aos nazistas para ter mais chances de sobreviver à guerra. Quando recebiam uma notificação para ir ao campo de trabalho, iam. Contudo, outros estavam desconfiados e temiam não retornar dos campos. Já tinham percebido por todas aquelas normas e resoluções que os nazistas não tinham boas intenções e não eram confiáveis. Não fazia sentido: por que convocariam também os idosos, as crianças, as pessoas doentes e deficientes? Como seriam capazes de trabalhar? O que fariam nesses campos?

O pai de Anne foi um dos que decidiram não se deixar levar para os campos de trabalho. Passou meses preparando em segredo um lugar onde a família pudesse ficar. Um esconderijo.



O esconderijo secreto

O dia 5 de julho de 1942 começou como um domingo igual a todos os outros. A temperatura estava agradável, e Anne aproveitou a manhã para escrever no diário. Hello também passou por lá.

Depois do almoço, ela se acomodou em uma confortável cadeira na laje nos fundos da casa para aproveitar o sol. Estava de bom humor. Tinha acabado de receber o boletim com as notas da escola e estavam bem melhores do que esperava. E agora as férias começavam de verdade! Que delícia! Hello disse que voltaria depois do jantar. Bem, é o que veremos!

– Anne!

Anne parou de ler, olhou por cima do livro e observou Margot pela janela. Ela parecia ter visto um fantasma.

– Você pode vir aqui um instante? – perguntou Margot.

Anne fechou o livro e andou com a irmã até a cozinha.

– Você ouviu a campainha agora?

Anne fez que não.

– Entregaram uma carta ao papai – continuou Margot. – Ele deve se apresentar para ir ao campo de trabalho.

Assustada, Anne olhou para ela.

– Um campo de trabalho? Que horror!

– Não se preocupe, Anne. Vamos ficar todos juntos – disse quase sussurrando Margot. – Vamos nos esconder.

– Esconder? Mas onde?

– Papai e mamãe vão contar depois.

O pai fora visitar um amigo em um asilo para judeus, o *Joodse Invalide*. Demoraria um pouco para ele voltar.

– Onde está a mamãe?

– Ela foi direto para a casa da família Van Pels. Eles vão com a gente e precisam conversar.

A cabeça de Anne estava a mil por hora. O sr. e a sra. Van Pels e Peter iriam com eles? Esconder-se com sete pessoas? Como conseguiriam fazer isso? Será que iriam para fora da cidade, ficar na casa de desconhecidos, no meio do nada? Como fariam com todos os pertences? E Moortje, a gata? Não era proibido viajar? Ou será que ficariam em algum lugar dentro da cidade? Mas onde, então? E como iam conseguir comida?

– Vamos – disse Margot. – Mamãe falou que a gente precisa começar a juntar algumas coisas que queremos levar.

– Mas Margot...

– Também não sei – respondeu a irmã, como se pudesse adivinhar as muitas

perguntas na cabeça de Anne.

A campainha tocou.

– Hello! Esqueci completamente dele! – disse Anne.

– Não podemos deixar ninguém entrar agora – sussurrou Margot.

Em seguida, ouviram a porta se abrir. Mamãe chegara com o sr. Van Pels. Conversaram com Hello, mas Anne não conseguiu ouvir o que disseram. Provavelmente algo como: “Agora não vai dar, Hello.”

Quando mamãe subiu, nem tocou no assunto. Apenas disse para Anne continuar fazendo a mala. A menina entendeu que não era a hora de fazer perguntas.

Anne voltou ao quarto, pegou a bolsa da escola e colocou tudo o que achou que fosse precisar no esconderijo. A caneta predileta – a tinteiro, que havia ganhado da vovó Holländer –, alguns lápis, poucas cartas preciosas, os livros da escola e, claro, o diário.

Enquanto Anne avaliava qual seria a melhor forma de colocar tudo na bolsa, Margot entrou no quarto.

– Anne, preciso contar algo – falou a irmã em tom sério. – Aquela carta não era para papai. Era para mim. Eu preciso me apresentar no campo de trabalho.

– Você? – Assustada, Anne caiu no choro.

– Vem – disse Margot, o mais tranquila possível. – Vamos continuar fazendo as malas. Amanhã cedo vamos embora. Todos nós.



No final da tarde, papai voltou para casa. Toda hora entrava e saía gente de lá. Sr. Kleiman, um dos funcionários de papai, veio conversar com os pais de Anne, e Miep veio buscar algumas coisas. À noite, ela retornou com o marido Jan. Estavam usando sobretudos, o que era um pouco estranho porque não estava chovendo. Mas logo ficou claro o porquê: tinham bolsos enormes.

– Me dá isso – disse Miep para mamãe. – Ainda cabem mais coisas. – Roupas de baixo, roupas, meias: tudo desaparecia naqueles enormes bolsos. – Entrego essas coisas para vocês o mais rápido possível.

Houve pouca conversa. Todo mundo estava preocupado e com medo.

Tentavam ao máximo manter a calma e não entrar em pânico. Era quase meia-noite quando Anne foi para a cama, exausta. Dormiu quase imediatamente.

Na manhã seguinte, mamãe a acordou às seis e meia. Ainda havia muito o que fazer. Papai explicou a Anne e Margot como tudo ia acontecer. Miep e Margot sairiam por volta das sete e meia de bicicleta. Quanto mais cedo Margot chegasse ao esconderijo, melhor. Papai, mamãe e Anne sairiam um pouco mais tarde a pé.

– Para onde vamos, pai? – perguntou Anne.

– Falarei quando chegar a hora.

Mamãe entregou à filha uma grande pilha de roupas.

– Vista essas roupas, Anne. Todas, se puder. Não sabemos quanto tempo vamos ficar fora. Temos que levar o máximo possível. E não podemos sair de malas na rua.

– Mas...

– Faça o que eu mandei, Anne – falou mamãe num tom tão autoritário que Anne imediatamente obedeceu. Camisetas, calças, um vestido, uma saia, uma jaqueta e ainda um casaco: vestiu uma roupa sobre a outra. Apesar da chuva, estava bastante quente lá fora. Quente demais para vestir tantas roupas.

Miep chegou de bicicleta às sete e meia. Chovia forte. Era a hora de Margot e Miep partirem. Margot olhou para cada um deles com medo. O olhar dela dizia: e se os meus pais e Anne forem presos no caminho? Ou Miep? Ou eu? E se a gente nunca mais se vir?

– Vai dar tudo certo – disse papai, baixinho. – Até já.

Margot pegou a bicicleta. Tinha removido a estrela de Davi do casaco. Isso era absolutamente proibido! Miep também poderia ter graves problemas por ajudar uma menina judia. Motivo suficiente para estarem com muito medo. Mas, mesmo assim, tinham de ir.

Momentos depois, papai, mamãe e Anne também estavam prontos para partir. Anne deu um último afago na sua gata.

– Tchau, minha querida Moortje. Vou sentir tanto sua falta!

Olhou para o bilhete que mamãe havia deixado para os vizinhos. Eles certamente cuidariam bem de Moortje. Mamãe também tinha anotado um endereço em Maastricht, uma cidade que ficava no sudeste da Holanda. Os pais de Anne esperavam que os vizinhos achessem que haviam fugido para a Suíça passando por Maastricht. Havia chegado a hora de partir. Fecharam a porta da frente e desceram as escadas até a rua.

– Estamos indo ao escritório, Anne – disse papai em voz baixa, quando estavam a caminho. – Lá tem um lugar onde podemos nos esconder.

Surpresa, Anne olhou para o pai.

– No escritório? Onde?

– Você vai ver. Van Pels, Kleiman, o irmão dele e eu passamos meses planejando tudo e levando as coisas para lá. A nossa intenção era nos mudar em dez dias. Ainda não está pronto, mas vai ter que servir.

Levava cerca de uma hora a pé de sua casa na praça Merwede até o escritório no Prinsengracht, mas pareceu uma eternidade. Cada um com uma bolsa debaixo do braço, vestindo várias camadas de roupa, sob uma chuva torrencial, nada ficava mais fácil.

– Vamos andar normalmente – disse papai antes de sair. – Nem muito rápido nem muito lento. Postura erguida. Sem fazer nada que chame a atenção.

Encharcados, chegaram à Prinsengracht, número 263: o escritório de papai. Miep já estava vigiando a porta e deixou-os entrar rapidamente. Conduziu papai, mamãe e Anne pelo prédio, pelos corredores e pelas escadas até chegarem a uma porta cinza. Atrás dela, havia mais escadas. Lá, no topo, Margot aguardava. Ficaram tão felizes em vê-la bem e a salvo!

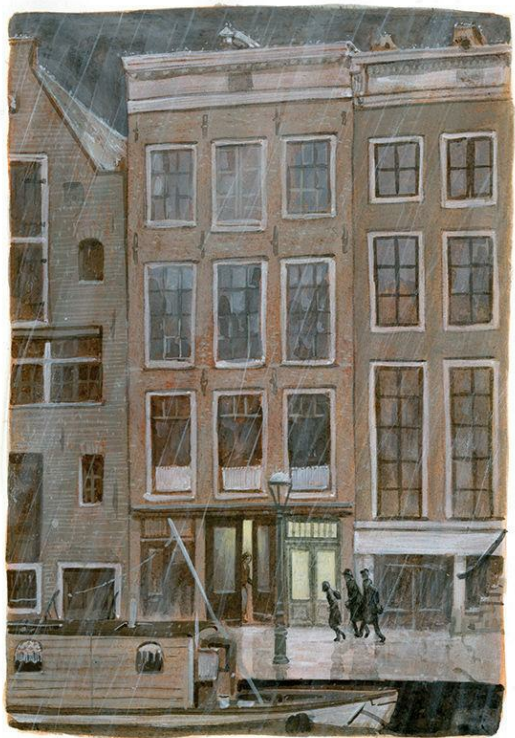
Anne olhou ao seu redor com espanto. Havia pilhas e pilhas de coisas. Estava tudo espalhado. Caixas, cadeiras, mesas, camas, colchões, lençóis, latas de comida, jogos, livros... Parecia que haviam deixado tudo de qualquer jeito. Nada estava no lugar certo. Ainda havia muito a fazer para se viver bem, mas era uma casa. Uma casa inteira atrás de uma porta cinza. O nosso Anexo, pensou Anne.

– Anne e Margot, venham cá um instante – chamou papai.

Procuraram na confusão das caixas um lugar onde pudessem se sentar juntos.

– Lá embaixo, as pessoas trabalham. E os vizinhos também não podem nos ouvir. Portanto, de dia, temos que sussurrar e andar com pantufas.

Elas assentiram.



– Ninguém pode nos ver. A primeira coisa que vamos fazer é pendurar as cortinas blecaute. E devemos mantê-las fechadas. *Sempre*. Entenderam? – Assentiram mais uma vez. – Às vezes, há pessoas trabalhando apenas no armazém. Elas não sabem que estamos aqui. Por isso, não poderemos usar as torneiras ou dar descarga enquanto estiverem aqui. Se ouvirem a água passando pelos canos, vão perceber nossa presença e não poderemos mais ficar aqui.

Elas entenderam.

– Quando os nossos ajudantes estiverem trabalhando no prédio, poderemos usar a água e dar descarga, porque o pessoal do armazém não vai estranhar. Com mais pessoas no prédio, não vai chamar tanta atenção. – Anne, Margot e mamãe olharam para papai sem falar nada. – Vai ser difícil, mas estamos juntos. E isso é o que importa – disse ele.

Papai falou que teriam ajuda. Os funcionários de papai, Miep, Bep, o sr. Kugler e o sr. Kleiman forneceriam os alimentos e qualquer outra necessidade. Todos eles sabiam havia algum tempo que as famílias Frank e Van Pels se esconderiam ali. O restante dos funcionários não sabia nem poderia saber. Quanto menos pessoas soubessem, menor a chance de serem delatados.

Mamãe e Margot ouviram tudo, mas pareciam paralisadas de cansaço e medo. Procuraram duas camas vazias e se deitaram. Porém, ainda havia muito o que fazer. Papai se levantou, e Anne foi atrás dele. Tinham que pendurar as cortinas ou pelo menos improvisar algo parecido. Precisavam desempacotar as caixas, esfregar o chão e fazer as camas. Tinham que colocar um blecaute nas janelas para a noite e a madrugada. Trabalharam muito, sempre em silêncio. Bem quietinhos.



Miep



Sr. Kleiman



Sr. Kugler



Bep

Assim se passaram os primeiros dias. Anne acabou conhecendo bem o Anexo. Já havia estado ali antes, mas agora todos os quartos tinham outra função; por isso, o espaço parecia muito diferente. Ao entrar no Anexo pela porta cinza, chegava-se primeiro a um lavatório com pia e vaso sanitário. Atrás do lavatório, ficava o pequeno quarto que Anne e Margot dividiam, e contíguo a ele havia o quarto de papai e mamãe. Uma porta ligava os dois quartos. Anne ficou feliz com isso, porque assim poderia chegar até Pim em um instante se ficasse com medo à noite. Do quarto dos pais, era possível voltar à entrada, formando, assim, um pequeno círculo.

Subindo as escadas, chegava-se à sala de estar que também funcionaria de quarto para o casal Van Pels. Era o maior cômodo do Anexo. Então, seria utilizado como cozinha e área comum. No quartinho apertado junto à sala, havia uma cama para Peter e também uma escada que levava ao sótão, onde os alimentos ficariam armazenados.

Foi bom o papai ter passado os meses anteriores levando objetos do apartamento para o Anexo. Objetos familiares faziam Anne se sentir um pouco mais em casa.

– Olhe aqui – disse papai. – Trouxe isso especialmente para você.

Anne imediatamente reconheceu a caixa.

– Minha coleção de fotos de estrelas de cinema e os meus cartões-postais! Que bom!

Anne foi até seu quarto com a caixa e um pote de cola e começou a escolher as fotografias para colar nas paredes. Assim, o quarto ficaria um pouco mais alegre. Cada imagem tinha uma história. Era bom olhar para cada uma e sonhar, esquecer aquela guerra terrível por um breve momento. Anne pensou em Hanneli, Jacqueline, Sanne e Hello. Àquela altura, já teriam descoberto que ela fora embora. Quando será que os veria novamente?



Exatamente uma semana depois que Anne e a família chegaram ao Anexo, a família Van Pels se mudou também. A sra. Van Pels levou até o próprio penico. Todos riram muito disso. Eles ocupavam os dias lendo, estudando, cozinhando, jogando e lavando roupa.

Assim se passaram dias, semanas, meses.

Em novembro de 1942, chegou uma oitava pessoa ao esconderijo: um dentista, sr. Pfeffer. Todos já o conheciam, inclusive Anne. Nos sábados à tarde, o sr. Pfeffer e a esposa Charlotte costumavam visitar os Frank na praça Merwede. Charlotte não era judia; portanto, não precisava se esconder. A partir de então, Margot passou a dormir no quarto dos pais, e o sr. Pfeffer se tornou o companheiro de quarto de Anne.

A entrada para o Anexo já não era mais uma porta cinza, mas uma estante de livros giratória. Foi ideia do sr. Kugler:

– Assim não dá mais para ver o esconderijo.

E funcionou. Com a “porta-estante” fechada, jamais daria para imaginar que havia uma casa inteira escondida atrás dela!

As oito pessoas moravam muito apertadas naquele espaço, e todas morriam de medo de serem descobertas. Isso muitas vezes gerava tensão e brigas, não só entre os adultos, mas também entre os adultos e as crianças. Anne achava que Peter era entediante demais para fazer qualquer coisa errada, e Margot era praticamente uma santinha, é claro. Mas Anne...

– Essa sua filha é muito mal-educada! – reclamava bastante a sra. Van Pels com mamãe. “Essa sua filha” era Anne. Sempre Anne.

– Como se ela fosse uma pessoa tão simpática – resmungava Anne, ao ouvi-la reclamar. Não, não era nada fácil ficar calma e não gritar, bater o pé ou as portas. Ainda bem que tinha o diário. Podia compartilhar toda a raiva, a tristeza, o medo e a frustração com ele. Se não fosse por isso...

Os melhores momentos do dia eram quando um dos ajudantes passava lá. Trazia comida, livros, revistas e... notícias!

– Miep, como estão as coisas lá fora? – perguntava Anne. – Como está o Jan? Ouviu algo sobre as minhas amigas? Elas estão seguras?

Anne tinha muitas perguntas, mas Miep e os outros ajudantes nem sempre podiam respondê-las.

Escutavam o rádio para saber das notícias. A Rádio Oranje transmitia de Londres, onde a rainha e o governo se refugiaram, e dava as últimas notícias sobre a guerra para as pessoas que estavam na Holanda ocupada. Na rádio holandesa e nos jornais holandeses, só era divulgado o que tinha sido aprovado pelos nazistas. As pessoas no esconderijo queriam saber o que realmente estava acontecendo; então, ouviam silenciosamente as transmissões da Rádio Oranje. à noite eles desciam a escada e se acomodavam na antiga sala do escritório particular do papai.

– Pim, vamos subir logo! Por favor, por favor – implorou Anne ao pai na primeira vez que desceram. A ideia de deixar o abrigo seguro e ser ouvida por outras pessoas a deixou transtornada. Mas, com o tempo, Anne se acostumou e perdeu um pouco do medo. Estavam tão ansiosos para saber se a guerra já

estava acabando. Tinham que saber, fosse perigoso ou não!

Os piores momentos eram de noite e de madrugada. Anne sentia muito medo, mais medo do que durante o dia. Ela se lembrava das histórias que ouvia do sr. Pfeffer sobre conhecidos judeus que foram presos. Das notícias na rádio que diziam que os judeus estavam sendo assassinados. Dos boatos que os ajudantes de seu pai ouviam sobre o campo de Westerbork, onde a vida dos judeus era terrível. Anne temia quando os sons dos confrontos da guerra entravam no Anexo à noite. Tinha medo das armas, dos aviões com bombas e dos possíveis incêndios se fossem atingidos. Medo de ladrões arrombarem o prédio e descobrirem que havia pessoas escondidas. Medo de que alguém reparasse em alguma fresta de luz e os delatasse, e de que eles também fossem mandados para um campo. Medo de que algo acontecesse e os ajudantes não pudessem mais ajudá-los. Medo de que alguém ficasse muito doente e o médico não pudesse ser chamado.

Sempre que sentia medo, Anne ia de camisola chorando até a cama do pai.

– Posso dormir com você, Pim? Por favor?

– Vem cá, filha.

Se havia alguém que deixava Anne mais tranquila, esse alguém era seu pai.

Lá fora, a guerra. Então eles permaneceram lá dentro. Dia após dia. Escondidos, aguardavam em silêncio e com medo o final daquela terrível guerra. Mal lembravam como era abrir a porta da frente e andar em plena luz do dia. Sentir o sol, o ar fresco, rir e andar pela rua, pegar um bonde, fazer o que bem entendessem... O mundo lá fora se tornou o inimigo. O mundo lá fora dava medo.

Mesmo assim, em uma tarde em julho de 1943, mamãe disse:

– Não vejo outra solução.

Estava falando da vista de Anne, que estava cada vez pior. Estava cada vez mais difícil ler e escrever.

– Anne precisa ir ao oftalmologista para obter um par de óculos.

– O quê?! – disse Anne.

– Tem um a dez minutos daqui – disse Miep. – Se a senhora quiser, posso ir lá com ela.

Anne sentia calor e frio ao mesmo tempo.

– Mas vou ter que ir para a rua!

Mamãe assentiu. Miep estava com a cara séria.

– Mas você está falando sério, mamãe? Isso é impossível! E se...

– Vamos pensar sobre isso, Anne – disse mamãe. – Não vamos tomar nenhuma decisão precipitada.

Ir lá fora. Lá fora! LÁ FORA! Já fazia mais de um ano que Anne e a família estavam escondidos. Um ano e cinco dias exatamente. Anne tremia só de pensar em sair pela porta, sentir o vento no rosto, nos cabelos. Caminhar pelas ruas de

Amsterdã. Ser uma menina como outra qualquer na rua.



Pegou seu casaco, que ficara um ano sem uso. Assim que colocou os braços nas mangas, percebeu: estava curto. Todo mundo na rua ia perceber imediatamente que ela não era uma menina qualquer. Que era uma judia na clandestinidade. Uma clandestina que nem cabia mais no casaco.

– Os Aliados estão avançando bem – disse papai naquela mesma noite. – Com sorte, eles estão virando o jogo agora mesmo.

Anne imediatamente entendeu. Pim não a deixaria ir ao oftalmologista com Miep. Seria perigoso demais. Um pouco mais de paciência. Talvez a guerra terminasse em breve.

Diário

As estações passaram e chegou o segundo verão no Anexo. Anne, a família e as outras pessoas do esconderijo faziam o que podiam para manter um clima agradável, mas não era nada fácil. O espaço era apertado, todos sonhavam com a paz e sentiam medo de serem descobertos.

Como não podiam sair, dependiam completamente da ajuda de Miep, Bep, do sr. Kugler e do sr. Kleiman. Eles não forneciam apenas comida, roupas e livros escolares, mas também notícias do que acontecia lá fora. Levavam jornais e contavam o que ouviam e viam na rua. Anne e os outros presumiam que os nazistas estavam matando judeus nos campos do Leste Europeu. No entanto, os ajudantes nem sempre compartilhavam todas as notícias, para que os refugiados não ficassem ainda mais aterrorizados. Todos ali já tinham tanto medo de serem descobertos, e ainda havia a preocupação com parentes e amigos cujo paradeiro era desconhecido...

Escrever era a única maneira de Anne não enlouquecer no Anexo. Era difícil falar sobre tudo o que pensava e sentia. O diário se tornou, então, uma amiga imaginária: Kitty. Contava a ela tudo o que acontecia dentro do Anexo. Contava como as oito pessoas escondidas conviviam lá, dia após dia. Também compartilhava os pensamentos e sonhos com Kitty. Às vezes, uma linda lembrança ou alguma situação engraçada. Ela anotava tudo. Anne estava muito contente de ter seu diário. Escrever era a coisa mais importante do mundo para ela!

O grande sonho de Anne

Quando fechava os olhos, Anne conseguia visualizar tudo nitidamente: o quarto espaçoso e arejado que dividia com Margot na praça Merwede. Aquela maravilhosa escrivaninha da mamãe, cheia de gavetinhas e compartimentos... era provavelmente o lugar predileto de Anne na casa, o mais confortável. Quando Margot estava na casa das amigas ou ocupada na sala, Anne tinha o quarto só para si por alguns momentos. Que maravilha! Podia escrever cartas e bilhetes sem que ninguém a incomodasse, principalmente nas últimas semanas antes de irem para o esconderijo, quando já tinha o diário para escrever. Agora, as coisas eram muito diferentes: compartilhava um quarto escuro e apertado com o sr. Pfeffer, um homem da idade de seu pai que dormia na cama ao lado da sua, roncando alto. Durante o dia, muitas vezes a mandava embora porque queria sossego. Como se ela não precisasse de um pouco de sossego também! Como poderia se dedicar seriamente ao diário? E escrever seus contos?

Por isso, em uma tarde em julho de 1943, Anne foi até o pai:

– Pim? Você sabe que escrever é muito importante para mim, não sabe?

– Com certeza, Anne.

– Adoraria ter a mesinha no nosso quarto de vez em quando só para mim. Para poder escrever.

– Mas você não pode fazer isso à tarde, quando o sr. Pfeffer tira uma soneca?

– Sim, mas queria ter o quarto *só para mim* algumas tardes por semana.

Papai assentiu. Ele entendeu. Todos os moradores do Anexo sentiam a necessidade de ficar sozinhos de vez em quando. Sem discussões, sem queixas, mas também sem risadas, sussurros ou barulhos a seu redor.

– Talvez fosse melhor se você mesma conversasse com ele sobre isso, Anne. O quarto é de vocês dois!

E Anne fez exatamente isso naquele dia. Com toda a gentileza possível, perguntou:

– Sr. Pfeffer, será que eu poderia ficar sozinha no quarto e usar a mesinha algumas tardes por semana?

– Absolutamente não.

– Como assim, sr. Pfeffer?

– De jeito nenhum.

– Mas por que não? – perguntou Anne, fazendo de tudo para não ficar com raiva.

– Eu faço coisas sérias. Você não. Eu preciso da mesa e do sossego para trabalhar.

Anne começou a sentir muita raiva de seu companheiro de quarto. Respirou fundo e contou até dez para não brigar com ele.

– Nós podemos compartilhar a mesa. Eu também preciso de um lugar para trabalhar e estudar!

Mas o sr. Pfeffer a ignorou. Ele deu o assunto por encerrado. Anne não desistia tão facilmente. À noite, tentou falar novamente com o sr. Pfeffer, mas ele ficou bravo.

– Por que o mundo sempre tem que girar em torno de você? Você é uma criança muito chata!

Estava claro que não ia conseguir nada desse jeito. Anne precisou chamar o pai para conversar com o sr. Pfeffer sobre o pedido dela. Depois de muita conversa e reclamações, o sr. Pfeffer finalmente cedeu. Duas tardes por semana, das quatro até as cinco e meia da tarde, Anne teria uso exclusivo do quarto e da mesinha.

Que maravilha! Que sossego! Uma hora e meia de paz! Anne fechou a porta. Inseriu a caneta-tinteiro no frasco e a encheu. Em seguida, pegou o caderno em que escrevia suas histórias.



O que vou escrever hoje? Humm... Primeiro vou descrever como consegui esse sossego e essa mesinha. E sobre aquele sr. Pfeffer infantil, que agora não quer mais falar comigo.

Anne colocou a caneta no papel e escreveu: *A melhor mesinha.* Logo se esqueceu de tudo ao redor. Escreveu e escreveu, pensando em cada frase. Sobre

o que queria dizer e como. Tentou descrever da melhor forma possível o que tinha acontecido, mas certificando-se de que seria divertido e interessante de ler. *Do que ele me chamou mesmo? Vergonhosamente egoísta? Sim, foi isso que ele disse.* Assim, Anne descreveu tudo. Quando o tempo acabou, fechou o caderno, satisfeita. *Ah, se pudesse ser escritora,* ela sonhou. *Uma escritora famosa!*

– Bep, você tem que me ajudar!

Sempre que podia, Bep, como os outros ajudantes, aproveitava a hora do almoço para saber se todos estavam bem e perguntar se precisavam de algo. Às vezes, ficava para almoçar. Bep mal tinha acabado de subir quando Anne praticamente a atacou.

– Deixe-me adivinhar. – Bep abriu um sorriso. – Você precisa de papel.

– Sim, Bep, você precisa encontrar mais para mim! Deve ter papel em algum lugar no escritório! Pode ser qualquer coisa, desde que dê para escrever.

Rindo, Bep balançou a cabeça.

– O que tanto você escreve, Anne?

– Tudo, tudo!

Era verdade. Quando Anne brigava com a mãe, escrevia sobre isso. Quando o sr. Van Pels fazia salsicha, ela mal podia esperar para anotar tudo. Quando o sr. Pfeffer fazia um tratamento dentário na sra. Van Pels, ou papai ria de um livro de Charles Dickens, Anne pegava a caneta e escrevia. Mas no diário também escrevia sobre seus medos, seus sonhos e suas opiniões sobre os livros que lia. Sobre seu corpo, que aos poucos se transformava de menina para jovem mulher. Sobre o que estaria acontecendo no mundo lá fora.

Escrevia quase todos os dias no diário. Também criava histórias originais. Sim, Anne realmente levava o ato de escrever muito a sério. Encarava-o como um trabalho. Se pudesse, não faria outra coisa o dia inteiro, todos os dias. A não ser ler um bom livro, talvez. Ou copiar frases desses livros no Caderno de Belas Frases. Ou criar árvores genealógicas. Mas para isso também precisaria de papel e caneta, é claro. Apreciava tudo que tinha a ver com ler e escrever como se fosse o maior tesouro do mundo. Todas as noites, guardava o diário e as histórias em uma velha bolsa que o pai lhe dera e deixava-a perto do travesseiro dele. Papai certamente cuidaria para que nada acontecesse com seus textos. Anne confiava nele.

Mas às vezes Anne tinha outras tarefas a cumprir. Estudar álgebra, por exemplo. Droga. Ou fazer tarefas domésticas. Em uma tarde de novembro de 1943, Anne pegou a caneta e o papel e foi sentar-se à mesa com papai e Margot.

– Agora não, Anne – disse papai. – Precisamos da mesa.

– Aula de latim – explicou Margot.

– Além disso, tenho uma tarefa para você – disse mamãe, que estava em pé junto à pia. Entregou uma tigela com feijão para Anne.

Eca, Anne viu que o feijão estava mofado.

– Tente limpar um por um – disse mamãe, passando um pano para Anne. – Não podemos jogar fora.

Anne resmungou e afastou os papéis e a caneta para abrir espaço para aqueles grãos nojentos. Enquanto papai ajudava Margot com o dever de latim, Anne limpava cada grão de feijão. Quando terminou, juntou toda a sujeira que tinha caído no chão e jogou no fogo.

– Terminei! – exclamou.

– Nós também – disse Margot.

– Ah! Então ainda dá tempo de escrever um pouco – disse Anne. Pegou as folhas de papel e buscou a caneta. Mas ela não estava onde tinha deixado. Será que tinha caído no chão? Se agachou e procurou no escuro a caneta entre as pernas da mesa.

– O que você está procurando? – perguntou Margot.

– A minha caneta-tinteiro.

– Você não jogou no fogo sem querer?

– Não, claro que não!



Mamãe ajudou a procurar. Papai também. E Peter e o sr. Pfeffer. Todo mundo, na verdade. Mas a caneta-tinteiro de Anne tinha sumido.

No dia seguinte, olhou novamente entre as cinzas do aquecedor e viu algo brilhando. Deparou com a ponta dourada da caneta-tinteiro. Então Margot estava certa... Tinha mesmo perdido aquela caneta-tinteiro tão especial... A caneta que recebera de presente da vó Holländer quando completou nove anos. Aquela caneta-tinteiro que sempre usara no Liceu Israelita e, antes, no ensino

fundamental. A caneta com a qual escrevia todos os dias, desde que tinha chegado ao Anexo. Perdida. O choque foi enorme, e Anne precisou conter as lágrimas.

Mas havia coisas piores. O Anexo vivia cheio de tensões. Do lado de fora dos muros do esconderijo, as pessoas corriam risco de vida. As histórias e a tensão afetavam Anne profundamente, mas ela não conseguia falar sobre isso. Era triste e difícil demais. Ainda bem que podia escrever sobre tudo aquilo, porque confiava em Kitty. Ela jamais contaria seus segredos. Quando Anne escrevia, sempre procurava não ser incomodada, evitando que alguém chegasse por trás e lesse seus textos. Em certas ocasiões, as outras pessoas do esconderijo pediam que ela lesse algum trecho em voz alta, e às vezes Anne fazia isso – mas só se realmente estivesse com vontade. Não tinha muita escolha no Anexo. Precisava obedecer aos pais. Os nazistas tinham tomado toda a sua liberdade, mas ninguém mandava em seus cadernos e pensamentos!

Em novembro de 1943, em um sábado, Anne respirou fundo e descreveu tudo o que tinha acontecido na noite anterior. Tinha acabado de fechar os olhos para dormir, quando de repente teve uma visão de Hanneli. Ficava transtornada toda vez que se lembrava disso. Anne pegou a caneta e escreveu: *Não consigo esquecer aquele olhar dela. Isso me assombra.*

Hanneli estava muito mal. Estava magra e com as roupas sujas e desgastadas. Olhou para Anne com grande tristeza. Anne se sentiu péssima ao ver Hanneli daquele jeito. Sentia-se culpada. Tinha abandonado a amiga. Lá estava Anne em sua cama quentinha no Anexo, com medo, mas a salvo. Pelo menos por enquanto, porque ninguém sabia quanto tempo a guerra duraria. Papai estava lá. E mamãe e Margot. A comida muitas vezes era ruim, mas havia comida. As roupas não cabiam mais, mas estavam limpas e inteiras. Mas Hanneli, querida Hanneli, será que estaria em um daqueles campos horríveis? Com fome, com frio, talvez sozinha? Ela, Anne, não podia fazer nada. Absolutamente nada. Apenas pensar na amiga e orar por ela. Como ela fazia por outros amigos, que talvez também estivessem em um campo longe, longe dali. Então, Anne rezava. Por Hanneli, Jacqueline, Sanne e todos os outros. E rezava, rezava e rezava.

O novo ano chegou. Mas o que isso importava quando, todos os dias e em todas as horas, você estava preso e com medo de ser descoberto?

– Temos de manter a esperança! – diziam uns para os outros. – Não podemos desistir!

Todas as noites, eles ansiavam por boas notícias quando sentavam para ouvir o rádio. Elas finalmente vieram em uma noite de março de 1944, quando o Ministro Bolkestein fez um discurso na Rádio Oranje. Ele era Ministro da Educação e, como a Rainha Wilhelmina, tinha fugido para Londres, onde todo o governo holandês havia se exilado.



– Para que as próximas gerações possam realmente entender o que o nosso povo sofreu e superou durante toda essa guerra, precisamos de registros de pessoas comuns, como diários, cartas de trabalhadores na Alemanha, sermões de padres ou sacerdotes... – explicou o ministro.

– Ele está falando sobre o seu diário! – A sra. Van Pels riu.

– É mesmo, Anne. Não há ninguém que tenha escrito tanto sobre a nossa vida aqui como você – acrescentou o sr. Van Pels.

O pai lhe deu um tapinha amigável no joelho.

E se eu pudesse usar todas as minhas anotações para escrever um livro, pensou Anne depois. Um livro sobre as nossas experiências no Anexo. Imagine! Um livro de verdade! Um livro com o meu nome na capa!

Quanto mais pensava sobre isso, mais gostava da ideia. Mas Anne também tinha dúvidas. Naturalmente teria que revisar tudo que havia escrito. Alguns assuntos deveriam ser removidos do diário. Eram íntimos demais. Teria de tornar as frases mais bonitas e sábias. Ou mais engraçadas e originais. Assim o material talvez ficasse interessante. Ou não? Sabia que queria ser escritora, mais do que qualquer outra coisa. Mas será que conseguiria?

Às vezes, acontecia algo tão importante, tão impressionante que ela precisava escrever sobre aquilo. Como o que acontecera uma semana após o discurso do Ministro Bolkestein. Era domingo de Páscoa, e o escritório tinha sido arrombado.

Isso já tinha acontecido antes e sempre causava muito medo, mas dessa vez foi ainda pior. Os ladrões se assustaram e fugiram quando papai, o sr. Van Pels, o sr. Pfeffer e Peter desceram as escadas. Papai e os outros homens tentaram fechar o buraco que os ladrões abriram na porta do armazém, mas um casal que passava na rua por acaso escutou o barulho e olhou para dentro com uma lanterna.

Todos no esconderijo subiram em silêncio total para o último andar, até a sala de estar. O casal, ao que tudo indica, ligou para a polícia. Pelo menos foi o que todos presumiram, porque não podiam ver o que estava acontecendo lá embaixo. Mas podiam ouvir pessoas. O medo de serem descobertos era indescritível. Mesmo assim, Anne tentou alguns dias depois: *Passos dentro do prédio, no escritório, na cozinha e depois... na escada. Ninguém respirava, oito corações batiam. Passos na escada e depois um barulho na estante.*

Anne pensou que era o fim. Que a qualquer momento a porta se abriria, e os nazistas os prenderiam. Porém, isso não aconteceu. Mais uma vez alguém sacudiu a estante. E de novo. Mas a porta permaneceu fechada. Em seguida, ouviram passos. Depois, silêncio. Os oito no esconderijo não ousaram se mexer, se mover. Tudo estava escuro.



Como era domingo de Páscoa, os funcionários só retornariam ao escritório em dois dias. Sem os ajudantes, não teriam certeza de que estavam seguros.

– Tenho que ir ao banheiro – sussurrou o sr. Van Pels.

– Agora não dá – sussurrou papai.

– Aqui – disse Peter baixinho, e passou uma lata de lixo para o pai, que não pensou duas vezes. Não era hora de sentir vergonha. Um após o outro usou a lata de lixo como privada.

Mais tarde, todos se deitaram no chão frio e duro. Mas era impossível dormir.

– Precisamos esconder o rádio – sussurrou a sra. Van Pels.

– Se encontrarem o rádio, também vão achar o diário de Anne – sussurrou papai de volta.

– Então temos que queimá-lo – disse a sra. Van Pels, baixinho. – Aquele diário é tão perigoso. Certamente não vai agradar aos nazistas.

O coração de Anne parou. Queimar todo o seu trabalho? Não podiam estar falando sério! Mas, felizmente, ninguém fez nada. Estavam todos paralisados.

Anne escreveu depois que tudo acabou dando certo. A polícia foi embora. Não foram descobertos. Ligaram para o sr. Kleiman, que entrou em contato com Miep. Ela logo chegou com o marido ao Anexo para dizer que a situação não fugiria ao controle. Estavam a salvo. Por enquanto.

No entanto, desde aquela noite, o medo era maior do que nunca. Fora um breve lembrete para que não se esquecessem de que suas vidas haviam se tornado um pesadelo. Estavam escondidos, presos e eram odiados. Só porque eram judeus.

Eu deveria me sentir feliz e grata, disse Anne para si mesma. *Não posso desistir.*

Precisavam manter a esperança, ou tudo estaria perdido. Escrever ajudava muito. Anne se lembrou do apelo do Ministro Bolkestein e hesitou. Será que seu trabalho tinha qualidade suficiente para ser lido por outros?

Em 20 de maio de 1944, Anne tomou uma decisão: queria publicar o diário. Se quisesse fazer isso acontecer, teria que agir naquele momento. A invasão no prédio deixara bem claro o quão vulneráveis estavam. Por quanto tempo ainda estariam a salvo?

Anne começou a escrever o livro. Já tinha pensado no título: *O Anexo Secreto*. Primeiro, reescreveria e editaria o antigo diário, criando uma história contínua. Pensou nos papéis que estavam pendurados no varal no sótão do Anexo para secar. Que sorte o diário não estar na mesa com as outras folhas quando o vaso de flores caiu e as molhou! Tudo bem que suas anotações sobre Guilherme de Orange e Carlos V agora estavam penduradas com um pregador. Chegava até a ser engraçado. Mas o diário... se tivesse ficado encharcado, ela podia dizer adeus à ideia de escrever um livro!

Bem, vamos lá, Anne. Volte ao trabalho, murmurou para si mesma.

Ela pegou a pilha de folhas soltas que tinha recebido de Bep e começou a escrever: *Para alguém como eu, escrever um diário traz uma sensação muito estranha. Não só porque nunca escrevi, mas suponho que no futuro nem eu nem ninguém mais se interessará pelos desabafos de uma menina de treze anos.*



Sim, foi um belo começo, pensou Anne. Claro que esperava que isso não fosse verdade e que as pessoas realmente se interessassem por seu livro. Que suas histórias pudessem ter algum significado para as pessoas. Porque, se sobrevivesse àquela terrível guerra, era isso o que ela realmente queria: fazer a diferença na vida das pessoas. Não ser mais um rosto na multidão, mas alguém que deixaria o mundo melhor e mais bonito. Como uma jornalista famosa.

Sobrevivência

A guerra parecia não ter fim. As coisas não estavam fáceis para as pessoas no esconderijo. Tentavam seguir uma vida o mais normal possível no Anexo, com regras e tarefas claras. Anne, Margot e Peter faziam deveres de casa. Todos comemoravam feriados e aniversários. Mas a insegurança sobre o futuro tornava suas vidas sombrias. Quanto tempo ainda teriam que viver assim? E se fossem descobertos pelos nazistas? E se alguém os delatasse?

O medo era terrível. Mesmo assim, todos tentavam encontrar uma forma de manter a coragem. Queriam sobreviver à guerra! De vez em quando, recebiam notícias boas pelo rádio, o que lhes dava novamente a esperança de que a guerra terminaria em breve.

O contato com os ajudantes foi fundamental para que Anne conseguisse suportar tudo. Por causa do que eles faziam pelas pessoas no esconderijo, Anne sabia que também havia pessoas generosas no mundo. Além disso, estava convencida de que vovó Holländer cuidava dela do céu, como um anjo da guarda.

Mamãe e o sr. Pfeffer encontravam força na fé. Inicialmente, Anne não pensava muito em religião. Durante os primeiros meses no Anexo, mamãe lhe ofereceu seu livro de orações, mas Anne escreveu no diário: *As orações são lindas, mas significam muito pouco para mim.* Porém, a fé em Deus ganhou mais importância para ela durante o segundo ano no Anexo. O assunto reapareceu muitas vezes em seu diário e nas histórias. Anne também encontrou consolo e força de outras maneiras. Uma delas foi observando a natureza.



Perseverança

– Sr. Kleiman – chamou Anne baixinho. Não queria que ninguém a ouvisse.

O sr. Kleiman estava prestes a descer as escadas para voltar ao escritório.

– Diga, menina.

– O dia de São Nicolau está chegando.

O sr. Kleiman assentiu.

– Tive uma ideia, o senhor poderia me ajudar?

O sr. Kleiman sorriu para ela.

– Depende, Anne. Que ideia é essa?

– Queria muito dar um presente de São Nicolau para Bep e Miep. Olha só... juntei açúcar nos últimos meses. – Anne entregou a ele um pequeno saco de papel. – Toda vez que me davam açúcar para o mingau, eu guardava um pouco nesse saco. Agora quero usá-lo para fazer fondant e dar de presente para elas.

O sr. Kleiman lançou a Anne um olhar cheio de carinho.

– Isso é muito gentil. Muito gentil. Vou levar à padaria. Mas não sei se vou conseguir tão rápido assim. Você concordaria em esperar para dar o presente no Natal?

– Também pode ser, sr. Kleiman. Mas é o nosso segredo, né?

– Meus lábios estão selados...

Anne estava ansiosa para surpreender Miep e Bep com o presente. Os outros provavelmente preparariam algo para o sr. Kugler e o sr. Kleiman. O que seria deles se não contassem com a ajuda desses amigos? Anne sabia que era absolutamente proibido ajudar pessoas escondidas. Os nazistas puniam rigorosamente os não judeus que ajudavam os judeus. Podiam ser mandados para campos de concentração ou até executados a tiros. Mas os ajudantes jamais reclamavam e não deixavam suas preocupações transparecerem. Eles eram a prova viva de que, apesar dos terríveis nazistas e das pessoas que os apoiavam, havia pessoas muito boas. Pessoas que não se importavam se alguém era judeu ou não.

Antes de Anne fazer sua surpresa para Miep e Bep, ela e Margot ganharam presentes durante o Chanucá, o Festival das Luzes judaico, que também acontece em dezembro. Durante os oito dias do Chanucá, cumpriram com a tradição e acenderam a cada noite uma vela no menorah, um candelabro de nove braços, até todas estarem acesas. Com essas luzes, os judeus comemoram a sobrevivência da fé judaica.

Quando todas as nove velas foram acesas, ganharam presentes.

– Um broche! Que lindo! – disse Anne, encantada ao abrir o presente. Margot também estava feliz com sua nova joia.

O sr. Pfeffer tinha pedido a Miep que fizesse um bolo para mamãe e a sra. Van

Pels; então, ainda tinham uma guloseima para se deliciarem. Deve ter sido muito complicado para Miep, pensou Anne. Encontrar os ingredientes já devia ter sido bem difícil; afinal de contas, muitas compras só poderiam ser feitas com cupons de racionamento e em quantidades reduzidas. Alimentos mais escassos, como manteiga e açúcar, eram caríssimos.

Chegou o Natal. Era uma festa cristã que normalmente os judeus não comemoravam, mas eles estavam animados para passar uma noite agradável juntos. Todos os ajudantes uniram-se a eles na véspera de Natal. Sentaram juntos em volta da mesa na sala de estar do andar de cima.

– Um presente! – disse Bep. – De todos nós! – Ela entregou um pequeno embrulho para Peter, Margot e Anne.

Desembrulharam o pacote com cuidado.

– Um pote de iogurte! Muito obrigada! – exclamou Anne.

Os adultos também ganharam presente. Abriram a embalagem com cuidado. Em seguida, sorriram felizes. Cada um ganhou uma garrafa de cerveja. Eles adoraram! Bep pegou mais um presente: deliciosos biscoitos amanteigados, o suficiente para todo mundo.

Depois, havia também um presente para Bep e Miep: o fondant. Elas ficaram muito surpresas. O sr. Kleiman deu uma piscadela para Anne, que ficou radiante. Miep pegou o último presente. Era um bolo caseiro com os dizeres “Paz 1944”. Todos se emocionaram. Queriam tanto que fosse verdade, que a guerra acabasse em 1944! Paz... Como ansiavam por paz!

O novo ano começou, mas não foi muito diferente para as pessoas no Anexo. Todos os dias eram iguais. Anne valorizava cada vez mais os momentos em que podia escrever em paz.

“Não perturbe!” Anne fechou a porta do quarto dela e do sr. Pfeffer e se sentou na cadeira da escrivaninha. A lição de casa estava pronta, a louça, lavada, e as batatas, descascadas. Agora, era hora de escrever. Que maravilha! Tirou o caderno grande e firme da pasta do pai. *Histórias e acontecimentos do Anexo Secreto, de Anne Frank* era o título. Pegou uma caneta, folheou até a primeira página vazia e escreveu com letras elegantes: *22 de fevereiro de 1944. Terça-feira.*

Por um instante, fechou os olhos e se lembrou de um sonho que tivera uns dois meses antes sobre a vovó Holländer. Ela faleceu quando Anne tinha doze anos, e Anne ainda sentia muita saudade dela todos os dias. No sonho, vovó aparecia viva de novo. Desde então, muitas vezes, tinha a sensação de que vovó estava com ela, que a protegia como um anjo da guarda. Isso fazia Anne se sentir menos sozinha.

Decidiu escrever uma história a esse respeito. Nada sobre si mesma ou vovó Holländer, mas sobre outra menina e uma avó. Começou a escrever: *Era uma vez duas pessoas, uma senhora idosa e a neta, que moravam havia muitos anos*

próximas de uma grande floresta. Anne releu a primeira frase. Nada mau! Deixe-me pensar. O que acontece com a menina e a vovó? Humm. A avó fica doente. Não, não. Ela morre. Sim, é isso: a avó morre e deixa a neta, de apenas quatorze anos, completamente sozinha. Não há nenhum outro parente, nem amigos ou vizinhos.

O que você faz quando tem quatorze anos e de repente se encontra completamente sozinha? O que ela faria? Anne escreveu: *Ela se deitou na cama e chorou.* Isso mesmo. Foi o que Anne fez quando sua avó morreu de repente. A menina não chorou só por um dia, mas todos os dias por quatro semanas. Mas então algo aconteceu. Uma noite, quando a menina estava dormindo, sua avó apareceu a seu lado. Anne conseguia visualizar tudo em sua mente.

Ela soltou a caneta. O que a avó diria para a menina? O que vovó diria para ela, Anne? Isso Anne sabia: *Não perca a coragem, menina! Vamos, perseverança! Você tem que se cuidar bem. Você não está sozinha!*

Anne continuou a escrever com a melhor letra que conseguiu: *Não pense que, agora que morri, não cuidarei mais de você. Estou no céu e sempre olho você lá de cima.*

Isso deve ser um grande consolo para a garota, pensou Anne. Também era assim que vovó Holländer a ajudava. Anne ficou satisfeita com a história. Como era maravilhoso ter papel e caneta e poder expressar tudo o que pensava e sentia! Quando era mais nova, queria ser boa em desenho, mas não sabia desenhar. Agora, isso não importava mais, porque podia escrever. Sua escrita era, sem dúvida, a melhor habilidade que tinha.

Um dia, Bep chegou para fazer a lista de compras e colocar as notícias em dia. Também ficou para o almoço.

– Acabei! – Anne afastou o prato de sopa.

O almoço havia acabado. Anne ainda estava com um pouco de fome, e seria perfeito poder voltar a comer algo gostoso, mas não reclamava. Agora que a ocupação do exército alemão na Holanda completava quatro anos, a comida de quase todos era muito pouca, muito insossa ou muito ruim. Bep e Miep faziam um esforço enorme para encontrar comida para todos. Ela só podia agradecer.

– Empilhe os pratos, Peter – disse a sra. Van Pels.

Peter pegou os pratos um por um e colocou todos sobre a bancada da cozinha, e mamãe já estava preparando a água com sabão para lavar a louça. Bep e a sra. Van Pels pegaram um pano de prato. Anne sentou-se à mesa e abriu um livro.

– Você parece cansada, Bep – ouviu sua mãe dizer enquanto lavava louça. – Você está bem?

– Não está nada fácil – disse Bep baixinho, mas alto o suficiente para que Anne pudesse ouvir.

– Seu pai? – perguntou mamãe.

Anne sabia que o pai de Bep estava muito doente.

– Também – suspirou Bep.

Mamãe colocou suavemente a mão sobre o braço de Bep.

– A guerra – disse Bep, a voz trêmula. – Às vezes me pergunto se algum dia vai terminar.

– Eu também, Bep. Eu também – suspirou a sra. Van Pels.

– E se a gente não sobreviver? – disse Bep, à beira das lágrimas.

– Ai, Bep... – disse mamãe. – Se pensarmos em todas as outras pessoas que estão passando por dificuldades, nossa situação nem é tão ruim assim.

Anne pulou da cadeira.

– Como você pode falar uma coisa dessas, mãe? Como você pode consolar a Bep falando da miséria dos outros? Como isso pode ajudá-la?



- Anne, essa conversa *não* é para crianças.
 - Mas, mãe, você realmente acha que...
 - Estou avisando, Anne – disse mamãe em tom ríspido.
- Mas Anne ainda não tinha terminado. Foi até Bep.
- Veja bem, Bep... – começou a falar.

O pai, que estivera acompanhando a conversa de um canto na sala, se levantou. Empurrou Anne na direção da porta.

- Chega, Anne – disse. – Vá para o seu quarto.

Anne se sentiu como se tivesse levado um tapa no rosto. Que mamãe e a sra. Van Pels estivessem sendo estúpidas, tudo bem, não era novidade. Mas ficou muito magoada quando nem papai lhe deu uma chance de falar o que pensava.

Conforme caminhava até o quarto, sentia as lágrimas queimando nos olhos. Queria tanto contar o que descobrira recentemente! Tinha percebido que dava para ser feliz de verdade, mesmo com a guerra lá fora, mesmo com medo. Havia descoberto que a felicidade se encontra bem fundo dentro de você, no coração. Que você não precisa de ninguém para ser feliz. E ninguém pode tirar a sua felicidade de você. Nem aqueles nazistas terríveis. Quando olhava para os pássaros, as flores e todas as outras coisas bonitas a seu redor, sentia-se feliz. De verdade! Mas agora não podia falar isso. Porque mamãe ficou zangada, e papai a tinha mandado para o quarto. Mesmo que Anne soubesse que poderia se consolar, por exemplo, olhando a natureza, queria ter alguém com quem compartilhar os pensamentos. Será que poderia conversar com Peter? Anne se fazia essa pergunta cada vez mais. Ficaria louca se não pudesse compartilhar os pensamentos com Kitty no diário. Kitty era como uma querida amiga, e a forte presença de vovó também a consolava muito. Mesmo assim ela queria tanto conversar com alguém... alguém que pudesse responder. Poderia Peter ser essa pessoa?

Anne passou a ir mais vezes ao sótão de manhã. Durante o expediente do escritório, era o único pedacinho da janela que ficava aberto. Para chegar lá, precisava passar pelo quarto de Peter, pois a escada para o sótão ficava no meio do quarto dele. Numa manhã no final de fevereiro de 1944, Anne subiu a escada íngreme até o sótão. Encontrou seu cantinho predileto e respirou o ar fresco. Alguns instantes depois, Peter se sentou ao lado dela. Juntos olharam para fora, em silêncio, admirando o azul do céu. Anne prezou esses minutos juntos. O sol brilhava, e o mundo lá fora parecia lindo e pacífico. Anne queria conversar com Peter. Conversar de verdade. Compartilhar seus sentimentos e ouvir o que ele pensava e sentia. Mas não agora. Agora queria apenas apreciar o silêncio agradável entre eles.

Deve haver um motivo para Deus ter feito a natureza tão linda, pensou Anne. Ele fez a natureza assim porque queria que nós, humanos, fôssemos felizes e a

apreciássemos. Sentir tão forte a felicidade em nossa alma que ninguém poderá tirá-la de nós. Um dia seremos livres e estaremos lá fora novamente. E, até esse dia, Deus nos consolará fazendo as flores florescerem e o sol brilhar.

Há pouco tempo, Anne nem pensava muito sobre Deus. Agora, porém, tinha uma certeza! Deus estava com ela, assim como vovó.

– Pegue menos! – ralhou mamãe.

Começava o verão de 1944. Fazia dois anos que estavam escondidos no Anexo. Faltava tudo, e isso gerava discussões calorosas.



– Tenho o mesmo direito a um pedaço de manteiga que qualquer outra pessoa nesta casa! – disse o sr. Pfeffer, teimoso.

– Exatamente! Ao mesmo pedaço, não mais!

– Não peguei mais!

– Claro que sim, eu não vi?

Mamãe zangada, papai irritado, sr. Pfeffer mal-humorado e a sra. Van Pels doente.

Ai, a sra. Van Pels... estava sempre mal-humorada. *Se ao menos pudéssemos enfiá-la em um balde de água fria no sótão*, escreveu Anne.

Lá fora, chovia. Até a gata do depósito estava transtornada: dormia na caixa de areia e fazia cocô e xixi nos materiais de embalagem. *Resumindo: o clima no Anexo não podia estar mais divertido*, pensou Anne, com ironia. O pior de tudo é que o dinheiro estava começando a acabar. Anne suspirou. Como os ajudantes pagariam pelas coisas? Se ao menos eles tivessem boas notícias!

As boas notícias vieram no dia seguinte. Escutaram no rádio: “O Dia D chegou.” Surpresos, olharam uns para os outros. Tinham entendido bem? A invasão começara? Os Aliados desembarcaram na França ocupada? Expulsariam os nazistas de todos os países da Europa que tinham sido violentamente ocupados? Conseguiriam derrotar a Alemanha nazista?

– Ainda haverá muitas batalhas – ouviram o general americano Eisenhower dizer no rádio. Ele era o líder dos Aliados, então entendia do assunto. – Mas depois haverá a vitória. O ano de 1944 será o ano da vitória absoluta.

Que notícia fantástica! A melhor que ouviam em muito, muito tempo. Quase não podiam acreditar.

– Quem sabe podemos voltar à escola depois do verão! – disse Margot, esperançosa.

– Que maravilha que os nossos amigos estrangeiros estão vindo nos ajudar! – respondeu Anne. Ela estava radiante.

Paixão

Sobrava apenas uma pessoa na casa com quem poderia compartilhar seus pensamentos: Peter

Em janeiro de 1944, já havia se passado um ano e meio desde que Anne chegara ao Anexo. Ela sentia falta das amigas, mas, claro, era impossível entrar em contato com elas. Isso poderia colocar em risco não só os moradores do Anexo, mas também os ajudantes.

Havia apenas dois outros jovens no Anexo: Margot e Peter. Contudo, ambos eram alguns anos mais velhos do que Anne. Ela e Margot estavam mais unidas no Anexo do que antes, mas eram diferentes demais para se tornarem grandes amigas. Kitty, sua amiga do diário, era muito querida para Anne, mas não era de carne e osso. Não podia responder, e Anne sentia muita falta disso.

Sobrava apenas uma pessoa na casa com quem poderia compartilhar seus pensamentos: Peter. Anne acabou descobrindo que Peter era realmente um menino bem legal. Ou melhor, quase um homem.

Beijos no sótão

– Um príncipe colorido. – Anne ouviu Peter murmurar quando entrou no quarto dele. Ele estava sentado à mesinha, curvado sobre um livrinho de palavras cruzadas.

Anne se jogou na cama que ficava ao lado da mesa.

– Qual o tema dessa cruzadinha? – perguntou.

– Personagens históricos.

– Ótimo! Sou boa nisso. Quantas letras?

– Um monte. – Peter deslizou o indicador ao longo dos quadrados. – Um, dois, três... quatorze, quinze. Quinze letras.

– Um príncipe colorido! – Anne pulou da cama, entusiasmada. – Eu sei essa!

Surpreso, Peter olhou para ela.

– É mesmo?

– Willem van Oranje! – disse triunfante. – Pode confirmar. – Ela contou as letras nos dedos. – W-i-l-l-e-m são seis, v-a-n são três e O-r-a-n-j-e são seis. Seis mais três mais seis são quinze.

Peter olhou para os quadrados. No segundo quadrado já tinha um “i”. No penúltimo quadrado, um “j”. Encaixava. Anne havia acertado. Em holandês, o último sobrenome do príncipe significava laranja.

– Obrigado – disse ele. Peter a encarou com um olhar amigável, mas um pouco tímido.

Anne sentiu uma sensação estranha no estômago quando olhou em seus olhos azul-escuros. Ela nunca havia realmente percebido, mas ele era um menino bastante bonito. Bom, um menino não. Quase um homem. Peter já tinha dezessete anos.

Anne olhou ao redor. Achou o pequeno quarto de Peter bem aconchegante. Como no quarto dela, havia algumas figurinhas de estrelas de cinema coladas nas paredes. Ela lhe dera essas fotos. Também tinham sido pendurados quatro caixotes de batata vazios, onde agora ele guardava seus livros. No meio do quarto, ficava a escada que dava acesso ao sótão, e atrás dela Peter havia pendurado sua bicicleta, na esperança de em breve voltar a usá-la.

Anne gostaria de passar mais tempo no quarto de Peter, mas não tinha coragem de entrar sem motivo. Seria mais fácil se tivesse um bom motivo para passar por lá.



Quando Peter mencionou que ia fazer palavras cruzadas, Anne aproveitou a chance e perguntou se poderia ajudar, e assim aconteceu. E ali estavam eles.

Mas na verdade Anne queria mais do que fazer palavras cruzadas. *Queria tanto falar com alguém*, pensou. Não apenas jogar conversa fora ou falar de palavras cruzadas, mas sobre coisas reais. Coisas importantes. Sobre o que ela sentia e pensava.

Mais tarde, naquela noite, no silêncio do seu quarto, pensou em Peter. Havia tempos desejava uma amizade! Fosse com um menino ou uma menina, pouco importava. Queria apenas alguém que pudesse entendê-la. Escondida no Anexo, sentia falta das amigas. Agora que tinha ficado na companhia de Peter e olhado em seus olhos tímidos, sentia terrivelmente a saudade forte de novo. Peter poderia ser um amigo de verdade? Ele certamente devia se sentir tão sozinho quanto ela. *Sozinho, sozinho, tão só*. As palavras ecoaram em sua cabeça. Anne chorou. Se enfiou debaixo das cobertas o máximo que conseguiu e segurou o choro para que ninguém a ouvisse. Assim, adormeceu.

Naquela noite, sonhou com Peter. Mas não com Peter van Pels. Sonhou com Peter Schiff. Alguns anos antes, Anne era loucamente apaixonada por ele. E ele por ela. Como ela, Peter tinha se mudado da Alemanha para a Holanda por causa dos nazistas. Passaram um verão inteiro praticamente sem desgrudar um do outro; então, ele foi para o ensino médio, e ela ainda estava no fundamental. Ele se distanciou bastante depois disso. Era três anos mais velho e agora estava mais interessado em garotas da sua idade. Anne sempre o chamava carinhosamente de Petel. Nunca tinha se esquecido dele.

No sonho, estava com Petel, olhando um livro com desenhos. Era maravilhoso estar tão perto dele! Ele devia estar sentindo a mesma coisa, porque olhou bem em seus olhos e encostou gentilmente a bochecha contra a dela. E depois... Anne acordou.

Petel! Anne tocou a bochecha. Ainda dava para sentir a bochecha macia e fria dele. Ele estava tão próximo. Vira-o pela última vez em frente à livraria Blankevoort, dobrando a esquina de sua casa na praça Merwede, pouco antes de ir para o esconderijo. Naquele dia, apenas se cumprimentaram. Mas agora conseguia vê-lo nitidamente de novo. Aquele garoto esperto, alto e esbelto com belos olhos castanhos. Era maravilhoso e triste ao mesmo tempo. *Ainda estou apaixonada por Petel*, pensou Anne, surpresa. *É ele que eu amo!*

Nos dias seguintes, Anne pensou muito em Petel. Ainda sentia falta de alguém no Anexo com quem compartilhar seus pensamentos, mas agora se sentia um pouco menos solitária. As belas lembranças de Petel lhe davam força para continuar. Ele, de fato, não estava lá com ela, mas podia fingir que conversava com ele. Era só pensar nele.

– Querido Deus – rezou –, se eu sair do Anexo, o Senhor me deixa encontrar o

Petel de novo?

No entanto, ainda tinha esperança de virar amiga de Peter van Pels. Isso poderia tornar a vida no Anexo um pouco melhor. Durante várias semanas, fez de tudo para ter mais contato com ele. Mas era difícil descobrir o que ele achava disso. Será que gostava que ela o procurasse mais para conversar? Será que gostava dela? Ou será que não tinha necessidade de atenção e amizade? Será que isso era possível? Todo mundo precisa de alguém, não precisa?

Às vezes Peter sorria tão gentilmente para Anne que ela ficava vermelha, mas ele falava muito pouco. Anne queria tanto ser amiga dele que quase não pensava em outra coisa.

Em uma noite de sábado em março de 1944, Anne encontrou Peter em pé no quarto dele, ao lado da janela aberta. Peter tinha sorte: os vizinhos não podiam ver sua janela. Podia abri-la de vez em quando, embora tivesse que tomar cuidado e ficar em silêncio.

– Posso entrar? – perguntou.

– Claro que sim.

Ela foi até o outro lado da janela aberta.

– Você está bem?

– Acho que sim. E você?

– Sim, bastante bem – disse Anne. – Estou feliz que as brigas com os meus pais já passaram.

– Antes, vocês não brigavam tanto assim, né?

– Antigamente, em casa, não. Mas agora papai e mamãe às vezes tratam Margot e eu como crianças pequenas. É muito chato, porque já não somos mais crianças.

Peter concordou e olhou para o nada.

– É por isso que nós temos brigado.

Os dois ficaram em silêncio.

– Todo mundo mudou muito desde que chegamos aqui, você não acha? – comentou Peter.

Anne começou a rir.

– Você certamente ficou muito mais divertido – disse ela. – No começo, eu achava você muito sem graça.

– E eu achava você muito tagarela e difícil.

Ambos começaram a rir.

– Mas agora minha opinião de você é outra – falou Anne, baixinho. – Estou feliz de verdade que você esteja aqui.

– E eu estou feliz que você esteja aqui! – disse Peter espontaneamente.

Anne não escondeu a alegria.

– Você está falando sério? – perguntou com cuidado.

Peter fez que sim com a cabeça. Anne enrubesceu. Que bom! Agora finalmente podiam conversar de verdade sobre o que pensavam e sentiam.

Foi a noite mais maravilhosa que já tive no Anexo, escreveu no diário, muito feliz.

Desde então, Anne e Peter começaram a passar muito tempo juntos. Anne ia ao quarto de Peter, ou eles iam até o sótão, onde podiam ficar juntos sem que alguém pudesse vê-los ou ouvi-los. Muitas vezes conversavam. Outras, sentavam juntos em silêncio para observar os pássaros, o céu e a castanheira, que, aos poucos, estava ficando verde.

Era impressão dela ou Margot parecia um pouco triste quando via Anne e Peter subirem até o sótão? Será que Margot... Não, certamente não. Depois de muito refletir, Anne resolveu perguntar à irmã:

– Margot, gosto muito de passar o tempo com Peter. Você não se importa, não é mesmo?

– Não, Anne. Claro que não.

– Tem certeza?

Margot assentiu.

– Sem problema.

Mas, no dia seguinte, Anne encontrou um bilhete de Margot em cima do travesseiro. Curiosa, abriu. Seus olhos deslizaram sobre a caligrafia elegante de Margot. Ela escreveu que se importava sim. Não porque era apaixonada por Peter, mas porque também desejava ter alguém com quem compartilhar os pensamentos e sentimentos. Estava feliz que Anne tinha encontrado isso em Peter.

Anne sentiu um nó na garganta. Que carta carinhosa. Como admirava a irmã. Ia dizer isso para ela agora mesmo. Sentou-se à escrivaninha e escreveu uma resposta. Em seguida, Margot respondeu novamente. Foi muito especial para Anne que aos poucos ela e Margot comesçassem a se entender melhor.

Chegou a primavera de 1944. Anne ainda pensava em Petel, mas também se perguntava cada vez mais se agora estava se apaixonando por Peter. Realmente gostava muito dele. Mas será que ele sentia o mesmo por ela? Será que um dia sentiria a bochecha dele contra a dela, como havia sentido a de Petel no sonho? Às vezes, Peter colocava um braço no ombro dela e brincava com seu cabelo, mas nunca passava disso.



Até aquele sábado à noite, em abril de 1944. Era por volta das oito horas quando Anne estava sentada na cama de Peter. Anne percebeu que Peter se aproximava cada vez mais dela. Estavam fisicamente mais próximos que nunca. Lentamente, Anne encostou a cabeça no ombro de Peter. Ele então descansou seu queixo sobre a cabeça dela. Assim ficaram quietos por um tempo. Peter acariciava o rosto e o braço de Anne e passava as mãos em seus cachos. Ela se sentia tão feliz!

Porém, depois de meia hora, chegou o momento de ir embora. Ambos se levantaram, e antes que Anne percebesse, foi beijada por Peter. Seu primeiro beijo! *Lembre-se do dia de ontem*, escreveu no diário no dia seguinte, *porque foi um dia fundamental para mim*.

Então estava mesmo apaixonada! E agora? As pessoas no Anexo já faziam piadas sobre os encontros deles no sótão. Algumas semanas antes, mamãe, na verdade, tinha proibido Anne de ficar sozinha com Peter. De acordo com mamãe, a sra. Van Pels sentia ciúmes da amizade de Anne e Peter, e não era uma boa ideia passar tanto tempo sozinha com ele. Só deixaria a sra. Van Pels cada vez mais irritada. E se isso causasse brigas e confusão? Era a última coisa que queriam no Anexo.

Anne não sabia o que pensar. Mamãe estava falando sério? Ou simplesmente não queria que ela visitasse Peter? Anne e Peter resolveram não ligar para nada

disso. Nem para as piadas. Mas havia acontecido o beijo. Será que estava na hora de contar a todos? Papai talvez não aprovasse. Será que teria que se preocupar com isso? Já fazia quase dois anos que viviam todos os dias com medo e preocupação. Não era bom que ela e Peter tivessem encontrado consolo um no outro?

Anne decidiu falar sobre Peter com o pai. Contou sobre as conversas, mas também sobre os carinhos que trocaram no sótão. Papai parecia preocupado. Disse que seria melhor se não passassem tanto tempo juntos. Tinha medo de que ela fosse se decepcionar.



– Tome cuidado, Anne, e não leve isso muito a sério – disse.

Anne escreveu essas palavras no diário, mas estava decidida: continuaria vendo Peter, e papai simplesmente teria que confiar nela. Ela adorava os carinhos, os beijos e o tempo que passavam juntos no sótão. Agora Anne tinha encontrado o que desejava desde que chegara ao Anexo: amizade. Era maravilhoso. Mas... Algo ainda a incomodava. Peter era um amor, um menino realmente carinhoso e doce que estava sempre feliz em vê-la. Mas...

Anne olhou para os cadernos e as folhas na velha pasta de trabalho. O Caderno de Belas Frases estava cada vez mais cheio. Ela estava indo muito bem com as histórias do *Anexo Secreto, de Anne Frank*. Depois, ainda tinha o diário do Anexo. Quando escrevia, podia ser ela mesma. Podia anotar qualquer pensamento. No papel, podia estar feliz, com medo, animada, rabugenta. Simplesmente tudo. Mas também seria capaz de ser ela mesma com Peter? Ele de fato a entendia, mas será que entendia de verdade? Ele já havia dito anteriormente que gostava da alegria dela. Mas será que percebia que ela também tinha outro lado?

No diário e nas histórias, Anne escrevia sobre Deus, a natureza e seu corpo, que lentamente se transformava em um corpo de mulher. Sobre seu desejo de paz, mas também a força que tinha encontrado para aguentar o terror e a violência da guerra. Ela aprendera tanto sobre si mesma nesses últimos anos...

Mas será que podia conversar com Peter sobre essas coisas? *Se você for bem sincera consigo mesma, sabe que não pode*, pensou Anne. Peter não demonstrava pensar muito sobre esses assuntos difíceis. Não era de falar muito e não era de perguntar muito também, então não perguntava sobre o que ela pensava de assuntos importantes, nem aprofundava as conversas.

Havia se passado um mês após aquele primeiro beijo em abril, e Anne não podia mais negar para si mesma: estava decepcionada com Peter. Sempre achava que algo fosse mudar, que, aos poucos, se abrissem mais um com o outro. Isso não aconteceu. Ele não se tornou o grande amigo que ela tanto desejava. Tinham personalidades diferentes demais. Apenas isso.

Anne percebeu que, de fato, ela era muito importante para Peter. Isso lhe fazia bem. Era bom, muito bom, ter alguém tão feliz com a sua presença.

Traição

Desde julho de 1942, os judeus eram obrigados a comparecer aos campos de trabalho na Alemanha nazista. Como nem todos cumpriam a ordem, os alemães começaram a instituir razias, grandes e organizadas operações de busca. Fechavam um bairro ou uma rua e revistavam todas as casas, uma a uma. Durante essas inspeções, os nazistas literalmente arrastavam homens, mulheres e crianças de origem judaica de suas casas e procuravam freneticamente por esconderijos em todos os lugares. Durante os dois anos em que os oito moraram no Anexo, mais de cem mil judeus foram presos em razias na Holanda.

A última grande razia aconteceu em setembro de 1943. Mas ainda havia judeus escondidos, e os nazistas queriam prendê-los também. Eles ofereciam boas recompensas para quem delatasse ou desse informações sobre judeus escondidos. Alguns delatores ganhavam muito dinheiro assim. Esses “Caçadores de Judeus” faziam grandes esforços para encontrar judeus escondidos.

Os judeus presos eram levados para Westerbork, um campo de transição na Holanda. De lá, eram deportados para campos no Leste Europeu. Em Westerbork, judeus que tinham se escondido eram isolados e encaminhados para galpões de punição. Afinal, haviam desobedecido à ordem de comparecimento voluntário. Então, recebiam um tratamento pior que outros prisioneiros.

Nazistas no Anexo

Bom... Qual a melhor forma de fazer isso? Anne tirou o diário e os cadernos da antiga pasta do pai e colocou tudo na ordem certa em cima da cama. Era muita coisa. Aquilo ia mantê-la bem ocupada na primavera – a primavera de 1944. Anne olhou para o caderno com as suas histórias, o Caderno de Belas Frases e o diário com suas anotações. Dois anos de pensamentos colocados no papel. Agora a ideia era transformar tudo aquilo em um livro de verdade, que talvez pudesse ser publicado após a guerra. Uma tarefa enorme.

Anne estava trabalhando nisso havia apenas alguns dias quando Miep chegou ao Anexo certa tarde, preocupada.

– Van Hove foi preso – disse.

Van Hove era o verdureiro de quem Miep comprava as verduras para as pessoas do Anexo. Ele às vezes entregava as sacolas pesadas de batatas na hora do almoço dos funcionários do armazém.

– Estava escondendo dois judeus – explicou Miep. – Alguém deve tê-lo delatado.

– Que coisa terrível! – disse Anne, assustada. – Para os pobres judeus e para ele.

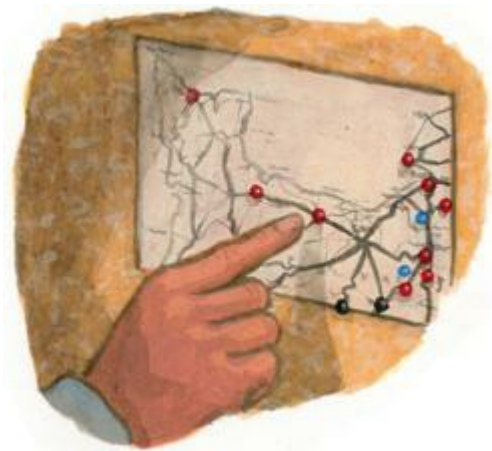


– A esposa dele estava tão desesperada – contou Miep. – Falei com ela rapidamente. Tudo aconteceu hoje de manhã.

Ninguém na sala se atreveu a dizer aquilo em voz alta, mas o que seria deles agora? Já estava difícil para Miep e Bep conseguirem comida para oito pessoas.

Acontecimentos assim deixavam todos abalados. Mais tarde, Anne se perguntou como era possível que pessoas que ajudavam os outros pudessem ser presas e punidas. E que as pessoas que queriam prejudicar os outros estivessem no comando.

Felizmente, também aconteciam coisas que renovavam as esperanças dos moradores do Anexo. Duas semanas após a prisão de Van Hooft, ouviram que os Aliados haviam desembarcado em território francês. Esse dia ficou conhecido por “Dia D”. A partir da Normandia, queriam libertar os países ocupados da Europa e derrotar a Alemanha nazista.



– Olhe aqui, Anne – disse papai, mostrando a Anne um mapa da Normandia que tinha afixado na parede do quarto. Apontou para um alfinete vermelho que havia colocado em uma cidade costeira no norte da França. – Aqui é Bayeux. Já passaram daqui. Agora travam uma batalha por Caen. – Ele suspirou. – Os primeiros cem quilômetros já foram percorridos, e os russos avançam pelo outro lado. Precisamos ter paciência, Anne.

Anne lançou um olhar de felicidade para o pai.

Mas no seu coração não havia espaço para tanta esperança. O medo dominava, sempre. E se a guerra continuasse a durar anos e anos? E se nunca mais houvesse paz? E se alguém os delatasse? Todos os dias ela remoía essas perguntas. Balançava a cabeça enquanto se debruçava sobre o diário. *Não, não e não*. Tinha que superar o medo. Concentrar-se nas coisas boas e em escrever sobre elas. Essa era a única forma de aguentar tudo.

Chegou agosto no Anexo. Sexta-feira, 4 de agosto de 1944, foi um dia como qualquer outro. Era por volta das dez e meia da manhã. Anne viu o pai acompanhar Peter até o quartinho dele para ajudá-lo com o inglês. Papai tinha falado no café da manhã que ajudaria Peter fazendo um ditado.

– Prepare-se, prepare-se muito *my boy*! – gritou Anne.

– Chata! – disse Peter. Mas mesmo assim sorriu para ela.

Ela foi até o quarto que há muitos meses dividia com o sr. Pfeffer. De repente, ouviu um som que, em um primeiro momento, não conseguiu identificar. Em seguida, deu-se conta do que era. Vozes. Meu Deus, havia pessoas do outro lado da estante. Paralisada de medo, sentou-se na cama. Ouvia o armário deslizar. Em seguida, passos e vozes. Estavam entrando no Anexo!

– Você primeiro. – Anne ouviu um homem desconhecido falando em alemão. Ela entendeu na mesma hora: haviam sido delatados. Tudo estava acabado.

Anne permaneceu sentada em silêncio absoluto.

– Onde estão os outros? – perguntou em holandês outro homem com voz autoritária.

Mamãe! Margot! Elas estavam no quarto ao lado! Mas Anne não as ouviu responder.

– Você sobe! – ordenou o homem alemão.

Com quem estava falando? Anne ouviu as botas pesadas nas escadas subindo até o andar da família Van Pels. Em seguida, abriram a porta de seu quarto.

– Você aí, venha aqui – ordenou a Anne o homem holandês, em tom áspero.



Anne entrou no quarto dos pais e viu a mãe e Margot em pé com as mãos para o alto. Um homem apontava uma arma para ela.

– Fique do lado delas.

Anne fez o que o homem pediu. Agora, ouvia os passos de pessoas descendo. O casal Van Pels e o sr. Pfeffer entraram no quarto; atrás deles vinha um segundo homem com uma arma. O sr. Kugler também estava com eles.

Em seguida chegaram papai e Peter, também sob a mira de uma arma em suas costas. Lá estavam eles. Todos os nove com as mãos para o alto, ameaçados por três homens armados, incluindo dois policiais holandeses à paisana. Margot chorava baixinho. Os demais estavam em silêncio. Anne também. Tinham passado dois anos temendo aquele momento todos os dias. Não havia mais nada a dizer.

O policial alemão, o único de uniforme, estava no comando.

– Objetos de valor? – perguntou em tom ríspido para papai. – Dinheiro? Joias?

O pai de Anne apontou para uma caixa que ficava no armário de parede em cima da cama de mamãe. O alemão pegou a caixa e olhou dentro. Depois seus olhos percorreram o restante do quarto. Olhou para a cama de papai, onde estava a pasta de trabalho. Deu dois passos, pegou a pasta, abriu bruscamente e vasculhou-a. Papel. Nada além de papel. Virou a pasta de cabeça para baixo e guardou os objetos de valor da caixa na pasta. O diário de Anne, os cadernos e muitas folhas soltas: tudo caiu no chão. Anne ficou paralisada de medo. Suas anotações! E se lessem aquilo? Os ajudantes! E todas as outras pessoas descritas!

– Cinco minutos – retrucou o oficial. – Vocês têm cinco minutos para botarem algumas coisas nas malas. Depois voltem aqui.

Os homens armados se espalharam pelos dois andares e observaram todos encherem as mochilas com os pertences mais importantes. Eles também abriram armários e gavetas procurando objetos de valor. Joias, dinheiro, documentos. As coisas sem serventia para eles foram jogadas no chão. Fizeram uma enorme bagunça.



– Um mapa da Normandia. – Anne ouviu o alemão falar. Estava do lado do mapa de papai que mostrava os locais onde os Aliados tinham derrotado o inimigo alemão. – Há quanto tempo estão aqui? – perguntou.



– Mais de dois anos – respondeu papai.
– Não acredito – disse o alemão.
– Aqui registramos o crescimento das crianças. – Mostrou papai. Estavam perto do quarto de Anne. – Veja só as marcas e as datas. Minha filha cresceu tudo isso neste tempo.

Quando terminaram de fazer as malas, tiveram que descer. Anne atravessou o quarto dos pais, onde o diário e os papéis ainda estavam no chão. Todos foram levados até o escritório particular de papai. Lá também estavam os ajudantes, o sr. Kugler e o sr. Kleiman.

– O senhor sabia disso? – falou o alemão em tom ríspido com o sr. Kleiman. Os outros homens ainda apontavam suas armas.

– Não tenho nada a dizer – respondeu o sr. Kleiman.

– E o senhor? – perguntou ao sr. Kugler.

– Não tenho nada a dizer – repetiu.

– Ótimo. Então vamos levá-los também – determinou o nazista.

Em seguida, todos foram ordenados a descer. Desceram as escadas, passando

pelos escritórios onde talvez ainda estivessem Miep e Bep. Ou será que já tinham sido presas? Eles não sabiam.



Anne viu que a porta da frente já estava aberta. O sol brilhava, era um lindo dia de verão. Mas eles estavam vivendo um horrível pesadelo. Ela saiu para a rua. A luz forte machucava seus olhos. Foram apenas alguns segundos, mas sentiu uma brisa no rosto, nos braços e nas pernas. Um caminhão pequeno aguardava na porta do prédio. Mais uma vez, ela entrou em um espaço escuro e fechado.

Rumo a... então, para onde? Seu coração batia forte. Anne tinha ouvido o suficiente sobre os campos para estar com muito medo.

Em silêncio, sentou-se junto a sua família, aos Van Pels, ao sr. Pfeffer, ao sr. Kleiman e ao sr. Kugler no caminhão. O percurso não durou muito. O caminhão parou em frente a uma escola perto da casa deles, na praça Merwede. Tiveram que sair. Agora, a escola servia como escritório e prisão nazistas. Perceberam isso pela grande bandeira nazista pendurada do lado de fora.

Foram levados até uma sala. O sr. Kugler e o sr. Kleiman foram separados deles alguns momentos depois. Acenaram uns para os outros; depois, nunca mais se viram. As oito pessoas do esconderijo foram levadas para uma cela no porão do prédio.

– Papai, o que eles vão fazer com a gente? – perguntou Anne com medo.

Mas papai não sabia.

– E com o sr. Kugler e o sr. Kleiman?

Mais uma vez o pai balançou a cabeça. Todos temiam o pior. Afinal, era considerado um crime ajudar judeus.

No dia seguinte, foram transferidos para uma prisão em Amsterdã. Lá permaneceram por três dias e três noites. Na terça-feira, 8 de agosto, de manhã cedo, Anne e Margot, os pais e as outras pessoas do esconderijo foram levados com muitos outros prisioneiros até a Estação Central de Amsterdã.

– Amanhã vocês vão para Westerbork – ouviram na noite anterior. – Lá, vocês vão trabalhar.

Só não sabiam que tipo de trabalho.

Na manhã seguinte, Anne procurou ficar perto dos pais e de Margot. Na estação, havia muitos homens armados. Um trem aguardava. Era um trem comum. Tiveram que embarcar.



Lentamente, o trem começou a andar. Anne estava sentada na janela e olhou para fora. Ela viu galpões, água, o céu, pássaros. Viu pastos intermináveis, cheio de vacas e ovelhas. Viu flores, árvores cheias de folhas verdes, estradas e pontes. Depois de ter passado dois anos no escuro do Anexo, Anne apreciou, apesar de tudo, o sol, a luz e todas as cores. Então o trem começou a frear até parar.

Diante deles, havia um enorme terreno desolado. Anne via imensos galpões verdes de madeira até onde sua vista alcançava. Todos pareciam iguais e ficavam enfileirados, um atrás do outro. Entre os galpões, não havia nada. Nem árvores. Apenas muita areia e um tufo de urzeiro roxo florindo aqui e ali. Havia torres de vigia ocupadas por homens com capacetes e armas.

Eles foram levados para um galpão.

– ‘S’ – disse um soldado à senhora sentada atrás de uma máquina de escrever.

“S”? O que significava isso?

Preencheram formulários. Levaram um longo tempo. Depois chamaram mamãe, Margot, Anne e a sra. Van Pels. Papai, Peter, o sr. Van Pels e o sr. Pfeffer foram levados em outra direção.

– Seja forte – sussurrou ainda papai. Mas Anne estava preocupada.

Elas seguiram o guarda até uma sala, onde tiveram que entregar todos os pertences e tirar as roupas. Só podiam manter as roupas íntimas. Ainda em choque, Anne fez o que lhe foi ordenado. Levaram suas roupas.

– Controle de piolho! – disseram. – Andem!



Em seguida, Anne viu as tesouras sobre a mesa e ficou apavorada. *O cabelo não, não o meu cabelo*, rezou ela em silêncio. Mas uma mulher pegou suas lindas mechas e começou a cortá-las. Mecha após mecha caiu no chão. As lágrimas ardiam nos olhos de Anne. Mamãe, Margot e a sra. Van Pels também tiveram os cabelos tosados. Em seguida, receberam um macacão azul para vestir, com pedaços de pano vermelho costurados nos ombros e uma estrela de Davi no peito. Para calçar lhes foram dados tamancos de madeira que machucavam os pés desnudos. Estavam horripilantes! Anne não sabia se ria ou se chorava.

– Venham! – ordenou alguém.

Elas entraram no campo. Viram tantos galpões ao longo do percurso que pareciam não ter fim. Tiveram que proteger os olhos contra a areia que subia com o vento. Anne achou estranho que as pessoas no caminho vestissem roupas comuns. Também não tiveram os cabelos cortados. Olhou para a mãe, como que perguntando o que aquilo significava, mas ela olhou para a frente, em silêncio.

Os galpões para onde foram levadas eram semelhantes a todos os outros, mas uma cerca de arame farpado os separava dos demais. Parecia uma espécie de prisão dentro de outra prisão.

– Galpões de punição – disse o soldado que as acompanhava. – É para lá que vocês vão. Galpão 67.

– E os nossos maridos? – perguntou a mãe de Anne.

– Eles vão para a seção masculina. Vocês os verão hoje à noite.

Uma vez dentro do galpão, espantaram-se com o que viram. Havia cerca de cem camas de beliche em um cômodo enorme. Não eram duas, mas três camas, empilhadas uma sobre a outra. Entre elas, varais com roupas de baixo e fraldas penduradas para secar. Mesas e bancos de madeira também ficavam entre as camas. Todas as mulheres no galpão de punição vestiam os mesmos macacões azuis com ombreiras vermelhas. Todas tinham a cabeça tosada.

Naquela noite, Anne se atirou ao pescoço do pai. O pouco cabelo que ele tinha havia sido raspado. Peter e os outros homens também estavam carecas. Vestiam um boné esquisito de cor azul e vermelho e o mesmo macacão que elas. Papai explicou que estavam sendo tratados como casos de punição porque tinham se escondido; a palavra para “punição” em holandês é “straf”, o que explicava o “S” que foi anotado pela mulher com a máquina de escrever. Eles foram proibidos de se aproximar dos outros prisioneiros que estavam em Westerbork. Os macacões e os cortes de cabelo os tornavam reconhecíveis, isolando-os dos demais. Além disso, tinham de trabalhar mais. Depois do trabalho ao menos tinham permissão de se ver.

As pessoas do galpão de punição eram as primeiras a serem transportadas para os campos do Leste Europeu. Mas isso papai não teve coragem de contar.

– Precisamos manter a coragem! – disse ele. – Os Aliados estão cada vez mais perto. Vamos fazer exatamente o que pedem de nós. Assim, aguentaremos aqui até a guerra acabar. Está bem?



E então Anne não se queixou quando, na manhã seguinte e em todas as manhãs subsequentes, acordava de madrugada para trabalhar. Ela, mamãe, Margot e a sra. Van Pels tinham um trabalho chato: junto com centenas de outras mulheres, ela deveria esmagar baterias com um martelo. Dentro delas, havia um carvão fóssil chamado linhito e uma barrinha, que elas precisavam separar. O linhito deixava a pessoa imunda e causava uma forte tosse.

Apesar da vida desagradável em Westerbork, Anne ainda conseguia encontrar lados positivos. Podia sair ao ar livre, finalmente conversar com outras pessoas e andar por aí. A comida não era boa, mas no Anexo a comida também não era boa havia tempos. Ficavam sujas, mas durante o trabalho podiam conversar. E quando terminavam, podiam tomar banho e ver papai, Peter e os outros homens. O colchão de palha não era nada confortável, mas mamãe e Margot estavam por perto, já bastava.

No entanto, sempre existia o medo de ser deportado. Outros prisioneiros contaram que, até recentemente, um trem partia todas as semanas para o Leste Europeu. Parecia que as saídas semanais tinham sido suspensas, mas talvez fosse temporário. Quando os trens partiam, era sempre às terças-feiras. Nas segundas-

feiras à noite, a liderança do galpão lia as listas com os nomes das pessoas que seriam transferidas para o Leste. Os prisioneiros não sabiam exatamente o que aconteceria, mas desconfiavam. Se era para trabalhar, por que também levar pessoas doentes? E mães jovens com bebês? E crianças pequenas e idosos?

Anne se lembrou de algo que tinham ouvido na estação de rádio inglesa no Anexo: as pessoas no Leste eram assassinadas.

– Mas nós não vamos ter que ir embora, Pim?

Papai não disse nada. O que poderia dizer? Ele não sabia.

Durante quase quatro semanas, em um total de três terças-feiras, nenhum trem partiu. Havia rumores de que os Aliados estavam ganhando. Provavelmente não demoraria muito mais... E a guerra acabaria. Quem sabe os nazistas agora haviam parado de enviar pessoas para o Leste? Afinal estavam sendo derrotados pouco a pouco pelos russos.

– Como você acha que o sr. Kugler e o sr. Kleiman estão? – perguntou Anne a Peter uma noite. Conversavam baixinho através do arame farpado. – O que será que os nazistas fizeram com eles? E com Miep e Bep? Penso muito neles... E você?

Peter fez que sim com a cabeça.

– Espero que depois da guerra a gente possa agradecer a eles por toda a ajuda.

– Depois da guerra – repetiu Anne. Depois da guerra. As palavras soaram como música.

No entanto, na noite de sábado, 2 de setembro de 1944, a liderança do galpão de repente comunicou a notícia: haveria um transporte. Não seria na terça-feira, como de costume, mas já no dia seguinte, no domingo.

Papai, mamãe, Anne e Margot seguravam as mãos uns dos outros enquanto a lista era lida em voz alta naquele sábado à noite.

Letra A. Choro.

Letra B. Alguém desmaiou.

Letra C. Silêncio.

Letra D. Duas pessoas se abraçaram.

Letra E. Um a mais se foi.

Letra F. *Por favor, meu Deus, que não seja a gente...*

– Franco, Manfred – leu o líder do galpão.

Nervos à flor da pele, frio e calor ao mesmo tempo.

– Frank...

Um pânico indescritível.

– Arthur.

Um suspiro profundo.

– Frank, Isaac.

Era difícil demais. Era insuportável demais.

– Frank...

Deus, não deixe isso acontecer!

– Margot!

Mamãe simplesmente deixou a cabeça cair.

– Frank, Otto.

Papai colocou os braços em volta de Anne e Margot.

– Frank-Holländer, Edith.

Anne sentiu um aperto no coração.

– Frank, Annelies.

Horror

Durante a Segunda Guerra Mundial, 107 mil judeus foram deportados de Westerbork. “Deportados” significa que essas pessoas foram levadas de trem para outros campos no Leste Europeu. Elas geralmente não faziam ideia para onde estavam indo nem o que as esperava. Nem em seus piores pesadelos, os moradores do Anexo poderiam imaginar o que acontecia nos campos. Apenas cinco mil desses 107 mil judeus sobreviveram.

Anne, sua família e os demais moradores do Anexo também foram deportados. Embarcaram naquele que seria o último trem que partiria de Westerbork para Auschwitz. Nesse campo de concentração, que ficava na Polônia ocupada pela Alemanha, os nazistas assassinaram mais de um milhão de pessoas durante a Segunda Guerra Mundial.

Depois de alguns meses, Anne e Margot foram separadas dos pais e levadas de Auschwitz para Bergen-Belsen, um campo na Alemanha.

Alguns sobreviventes, entre eles Hanneli, amiga de Anne, se encontraram com ela em Westerbork, Auschwitz ou Bergen-Belsen. O pouco que conhecemos sobre os últimos meses da vida de Anne sabemos por esses tristes relatos.



A morte de Anne

Anne olhou para a pilha de roupas e pertences em cima da cama. Ela fora obrigada a entregá-los quando chegou em Westerbork. Agora que estavam prestes a partir, recebia tudo de volta. Tirou o macacão azul e os tamancos e os colocou em uma pilha no chão. Pela primeira vez em quase um mês, vestiu suas próprias roupas e seus sapatos. Apesar do cabelo tosado, ela quase parecia uma menina normal, em um dia que estava longe de ser qualquer coisa parecida com normal.

As oito pessoas do esconderijo foram todas deportadas de Westerbork. De manhã cedo, caminharam em uma longa fila até a plataforma. O trem as aguardava. Quantas pessoas estavam ali? Talvez umas mil. Homens, mulheres, crianças, idosos, doentes. Por toda parte, homens armados com listas. Verificavam se todos estavam lá e encaminhavam as pessoas para o vagão certo.

Anne, Margot e os pais também foram encaminhados para um vagão do trem. Não era um trem comum de passageiros, era feito para transportar animais ou carga. Não tinha assentos nem banheiros. Havia palha espalhada no chão e dois baldes. Um vazio e outro com água. Ao lado do balde com água, tinha um copo. Uma lata com uma vela estava pendurada no teto. Fora isso, não havia mais nada. Nenhuma janela. Na parte superior do vagão, havia duas saídas basculantes, que deveriam fornecer um pouco de ar fresco e alguma luz. Apenas quem fosse alto o suficiente e ficasse em pé perto delas poderia olhar para fora.



Uma por uma, as pessoas entraram no vagão. Dez, vinte, cinquenta, sessenta, talvez mais de setenta pessoas. Não havia lugar para todos sentarem no chão. A

maioria tinha que ficar de pé ou sentar em turnos.

A porta de correr de madeira foi fechada com um estrondo. Com exceção dos feixes de luz que entravam pelas frestas dos basculantes e alguma luz de vela, o vagão estava escuro. Ouviram quando a porta foi trancada por fora com uma trava pesada. Em seguida, o barulho forte de um apito. Lentamente, o trem começou a andar.

– A viagem vai demorar, papai? – perguntou Anne.

Mas papai não tinha como responder àquela pergunta. Talvez um dia. Ou dois. Talvez os Aliados estivessem perto, e eles fossem salvos. Em Westerbork, a comida era ruim e tiveram que trabalhar duro. Mas ninguém gritava muito com eles e não foram espancados nem chutados. Era cruel, mas suportável. Quem sabe aquele novo campo também fosse suportável, e seriam libertos logo em seguida. Agora não era hora de desistir!

Quem precisava fazer xixi ou cocô usava o balde vazio. Aqueles que tinham sede usavam o outro. Mas, à medida que as horas passavam, um balde encheu até a borda e o outro ficou vazio. Eles estavam cansados de ficar em pé. Sentiam fome. A viagem já durava uma eternidade. Esse trem nunca ia parar?

– Estou tão cansada, mamãe – disse Anne.

– Encoste em mim, querida.

Passou mais um dia. As fezes já estavam do lado do balde, e a urina escorria pelo chão do vagão. O fedor e o odor penetrante de suor eram nauseantes. As crianças pequenas choravam sem parar.

– Não deve estar muito mais longe, certo? – perguntou Anne.

Mas ninguém sabia. Escureceu de novo. O pouco de comida que conseguiram levar já tinha terminado havia muito tempo. Sede. Todos sentiam uma sede terrível.

– Ai, meu Deus – ouviram do outro lado do vagão. Um homem caiu, desfalecido.

– Acho que ele está morto – disse uma jovem, que caiu no choro.

Quanto mais tempo aquele pesadelo ia durar? O trem continuava, sem parar. Pelo amor de Deus, para onde estavam indo? Por que ficaram sem comer, sem beber e sem ar fresco? Estavam sendo tratados como gado. Como gado? Não, pior do que gado! Bestialmente. Isso mesmo!

Papai abraçou Anne e colocou o braço em volta de Margot. Mamãe acariciava os cabelos tosados das meninas.

– Força! – sussurrava de uma para a outra. – Não desistam!

Mas estavam tão exaustos e com tanta fome... Havia quanto tempo estavam viajando? Dois dias? Três?

Já era noite havia algum tempo quando o trem de repente freou e parou lentamente. Uma luz forte penetrava os basculantes. Cães latiam e homens gritavam. Em seguida, ouviram alguém mexendo na trava de ferro. A porta de

correr, feita de madeira, se abriu. Uma luz forte iluminou o vagão. Vestidos em trajes listrados de azul e branco, homens com bastões expulsaram todos do vagão para a plataforma.

– Depressa! – gritaram em alemão. – Mais rápido!

Pelos alto-falantes, ouviram que teriam de deixar a bagagem para trás e que os homens caminhariam separados das mulheres. Não houve conversa, apenas gritos e ordens. As pessoas choravam e gritavam de medo quando tinham que deixar um ente querido. Assustadas, Anne, Margot e mamãe olharam para o pai, mas ele sussurrou:

– Coragem. Força.



Não houve tempo para se despedir, nem mesmo para um abraço. Eles se reencontrariam logo. Com certeza. Mas nem sequer houve tempo para pensar nisso. Nem dava mais para pensar. O que ouviram e viram naquela plataforma, a luz, os cães, as armas e os bastões, era tão terrível que impedia qualquer pensamento. Papai foi para um lado; elas, para o outro. Com uma das mãos, mamãe apertava a mão de Anne e, com a outra, a de Margot.

– Vamos ficar juntas! Não soltem minha mão!

Estavam enfileiradas junto com as outras mulheres e crianças.

– Auschwitz – falou uma mulher baixinho para ninguém em particular. Sua voz

estava abatida. – Aqui é Auschwitz.

– Para as crianças menores de quinze anos, os doentes e os idosos, há caminhões aguardando no final da plataforma! – soou uma voz pelos alto-falantes.

– Não vão! – sussurrou um homem vestido de traje azul e branco, falando em holandês. Como era possível? Eles também eram prisioneiros? Mas por que tinham bastões? Por que aquele homem falou “não vão”?

Metade das pessoas que desceram do trem foi até os caminhões. Ou foram forçadas a ir. Os cachorros latiam. Mamãe, Margot e Anne estavam quase no começo da fila. Viram um homem de pé, vestindo um uniforme militar com botas de cano alto brilhantes. Ele não dizia nada. Apenas fazia um pequeno gesto com a mão. Às vezes para um lado, às vezes para o outro. Então, chegou a vez delas. Margot. Esse lado. Mamãe. O mesmo lado. Anne. Esse lado também. Onde estava papai? Não conseguiam mais vê-lo.

Depois, souberam que naquele momento fora decidido o destino de suas vidas. Viver ou morrer. Todas as pessoas que o soldado mandou para o outro lado foram assassinadas no mesmo dia. De acordo com os nazistas, não estavam aptas a trabalhar. O mesmo destino aguardava as pessoas que foram levadas para os caminhões.



– ANDEM! – gritavam os guardas e os homens de traje azul e branco listrado. Quem não se apressava apanhava com os bastões.

As mulheres e meninas acima de quinze anos caminharam em uma longa e sinuosa fila a noite inteira. Era muito difícil acompanhar o ritmo.

– ANDEM!

Por que todo mundo era tão terrivelmente cruel?

– ANDEM!

Ao longe, surgiram galpões de madeira e construções de alvenaria. Mais adiante, viram uma enorme chama e uma grossa nuvem de fumaça preta. Provavelmente, uma chaminé, mas no escuro não dava para ver direito. Havia um cheiro estranho e pútrido no ar. Um cheiro que nunca tinham sentido antes. E arame farpado por todos os lados. Muito arame farpado grosso. O local estava silencioso. Além dos guardas, não viram mais ninguém. Era noite.

Mais uma vez tiveram que formar filas.



– ESPEREM!

Lá estavam elas. Com as pernas bambeando, cambaleantes. Esperaram e esperaram. Ao amanhecer, viram a quantidade de galpões e construções cinzentos no campo. Os galpões foram construídos enfileirados. A estrada de ferro passava exatamente no meio. Mais longe, havia realmente uma chaminé, de onde ainda saía uma grossa fumaça preta.

– ANDEM!

Depois de horas em pé, elas agora tinham de seguir os guardas até um grande prédio de alvenaria. Lá, tiveram que dizer a primeira letra do sobrenome. Mulheres cujo sobrenome começava com A entraram primeiro. Em seguida, foram gritando todas as outras letras.

Uma vez lá dentro, preencheram alguns documentos. Quando terminavam, um guarda berrava:

– É para tirar a roupa toda! Tudo! Sem exceção! E entreguem as roupas imediatamente!

Havia uma fileira de mulheres sentadas. Anne foi encaminhada para uma delas. Mandaram-na estender o braço esquerdo. A mulher usou uma espécie de caneta com uma ponta muito afiada para tatuar a letra “A” e um número no interior do antebraço esquerdo. Mamãe e Margot também receberam um “A” e um número.

Mais adiante, havia outra fileira de mulheres sentadas. Dessa vez com tesouras e lâminas de barbear. Tinham que cortar o cabelo. Todo o cabelo. Do corpo inteiro. Depois tiveram que ficar de pé novamente. E esperar. Nuas, tosadas e tontas de cansaço, com fome e sede. Guardas circulavam com cães.



Autorizaram um banho rápido, mas não havia sabonete. A água estava fervendo ou muito gelada. Atiraram uma roupa contra elas. Uma única peça. Tamanho não importava. Não havia toalhas. Em seguida, receberam dois sapatos. Ou sandálias. Ou tamancos. Tamanho 37 ou 34. Ou um de cada. Um sapato esquerdo e direito ou dois sapatos direitos. Você tinha que se virar. Você era um prisioneiro.

Finalmente, Anne, Margot e mamãe foram levadas para um galpão. Além de alguns bancos de madeira, havia uma série de três andares de estantes de madeira com pranchas altas e largas cobertas com colchões finos de palha. Pareciam camas de beliche. Às vezes, dormiam oito mulheres em uma “cama” só. Centenas de mulheres viviam ali. Ou melhor: sobreviviam. Ou não.

Naquela noite, Anne se aninhou junto a sua mãe e Margot, como fariam todas as noites a partir dali enquanto estivessem juntas no campo. Elas iam sobreviver. Uma ajudaria a outra a sair dessa.

– Não desistam! – dizia mamãe toda vez – Aguentem! – Era exatamente isso que Anne pretendia fazer. Não ia permitir que os nazistas a derrotassem. De jeito nenhum. Circulavam boatos de que os russos estavam avançando. Certamente iriam libertá-las!

Assim se passaram as primeiras semanas em Auschwitz. Não havia quase nada para comer ou beber. O pouco que recebiam causava dor de barriga, o que significava que teriam que usar os banheiros absolutamente asquerosos. Passavam dias inteiros morrendo de fome e sede, mas mesmo assim tinham que trabalhar duro. Às vezes, tinham que cavar no gramado. Outras vezes carregar

pedras. Ninguém entendia qual era o objetivo.

– Levantem! Rápido! Chamada!

A primeira vez que Anne ouviu isso, não soube o que fazer.

– Mamãe? – perguntou, insegura.

– Faça o que eles mandarem – disse a mãe. – Postura erguida!

Ela pegou Margot e Anne pela mão e foi para fora. Todas as mulheres do galpão tinham que formar cinco filas em fileiras de cinco pessoas. Assim formavam grupos de vinte e cinco e ficava mais fácil para os guardas contá-las.

Mas às vezes elas passavam horas de pé. Mesmo quando fazia frio. Mesmo que vestissem apenas um vestido de verão. Ou estivessem descalças. Mesmo sem ter comido ou bebido nada.

As mulheres doentes ou fracas eram separadas pelos médicos nazistas. Elas os acompanhavam e jamais retornavam. Todas morriam de medo de serem chamadas um dia. Sabiam que essas mulheres eram assassinadas pelos nazistas nas câmaras de gás, enormes salas preenchidas por um gás letal que saía do teto. Depois, os corpos eram queimados em grandes fornos. Era isso o que viam quando as grandes nuvens de fumaça negra subiam das chaminés, no final da linha do trem. Se elas, mulheres, não fizessem exatamente o que os guardas exigiam, tinham o mesmo destino.



– Por que eles estão assassinando crianças, mulheres e homens judeus? – perguntou Anne à mãe.

Mas ela não tinha as respostas. Toda aquela crueldade era impossível de compreender.

Em uma manhã, Anne se assustou ao perceber que umas manchinhas cobriam todo o seu corpo. Coçavam muito. Mamãe cobriu a boca de terror ao ver aquilo.

– Tente cobrir as manchas o máximo possível! – disse preocupada. – Não deixe ninguém ver. E continue trabalhando. – Lançou um olhar extremamente intenso à filha.

Anne entendeu. Mas as manchas não melhoraram. Só pioraram. Pioraram tanto que Anne teve que ir ao galpão de enfermaria.

– Eu vou com Anne – disse Margot. – Não vou deixá-la ir sozinha.

A mãe ficou do lado de fora da enfermaria. Lá, talvez pudesse encontrar alguma comida para as filhas.

Como não havia remédios disponíveis, a ida à enfermaria não melhorou a situação de Anne. O medo de ser escolhida pelos médicos nazistas e encaminhada para as câmaras de gás, como faziam com muitos doentes, era quase insuportável. Mas isso não aconteceu. Anne, Margot e a mãe estavam cada dia mais fracas, mas continuaram vivas.

No fim de outubro de 1944, aconteceu o que a mãe, Anne e Margot temiam todo esse tempo. Junto com centenas de outras mulheres, Anne e Margot foram escolhidas para serem transferidas a outro campo, como a sra. Van Pels. Mas mamãe não.

– Minhas filhas, ai, meu Deus! – chorou quando suas duas meninas foram levadas. Estava desesperada de tristeza.

Mais uma vez em um trem. Paralisadas de medo. Margot e Anne se abraçavam firmemente. Com fome, sede, sujas. Hora após hora no trem. Dia após dia. Às vezes, chorando e abatidas. Às vezes, sem qualquer sentimento. Será que o pai ainda estava vivo? Provavelmente não. Nunca mais tiveram notícias dele ou o viram. E mamãe? Será que aguentaria? Estava tão magra.

Cada minuto as afastava mais dos pais. E de Peter. Se é que ainda estava vivo. E do sr. Pfeffer e do sr. Van Pels. Isso se eles tinham conseguido sobreviver.

Chegaram à Alemanha, ao campo chamado Bergen-Belsen. Não havia espaço para novos prisioneiros. Já tinha gente demais. Chovia. Caiu uma tempestade. As tendas onde foram alojadas temporariamente desabaram com o temporal. Então, tiveram que encontrar um lugar em um dos galpões superlotados. Quase não havia comida e bebida. O que tinha quase não conseguiam chamar de comida. Tantas pessoas morriam que era impossível enterrar todos os corpos. Eram depositados em pilhas do lado de fora do galpão. Será que um dia voltariam a ser felizes?

Chegou o inverno. Agora não havia mais nada, nada, nada para comer. Não tinham roupas de inverno. Não havia cobertores.

– Vou tirar tudo – disse Anne um dia. Jogou suas roupas fininhas no chão congelado.

– Não faça isso, Anne – respondeu Margot, chocada.

– Mas todos esses bichinhos – disse Anne, tremendo. – Esses bichinhos em minha roupa estão me deixando louca.

– Todos nós temos piolhos e pulgas, Anne. Por favor, vista sua roupa de novo.

Mas Anne não queria mais vesti-las. Agora só andava com um cobertor cobrindo o seu corpo magro e cheio de manchas.



– Tome – disse outra prisioneira, que tentou encontrar algumas outras roupas para Anne. – Vista essas. Por favor.

Anne concordou.

– Está bem.

Assim as mulheres tentavam ajudar umas às outras, enquanto ainda lhes restava alguma força.

– Anne, é você mesmo?

Um dia Anne foi chamada por uma menina. Ela se aproximou. Será que a conhecia? Teve que olhar bem para ver quem era. Então ela viu.

– Nanny!

Nanny era uma amiga de Anne da escola em Amsterdã. Uma das meninas que estiveram em sua festa de treze anos.

– Anne – disse Nanny de novo, como se quase não pudesse acreditar que era realmente Anne Frank ali. – Você está tremendo.

– Estou com frio – disse Anne. – Com muito frio.

– Como você veio parar aqui?

– Ficamos escondidos em Amsterdã. Mas alguém nos delatou.

– Você está aqui sozinha? – perguntou Nanny.

Anne balançou a cabeça.

– Margot está aqui. Estamos juntas. Mas perdi os meus pais. E você?

– Estou sozinha.

As duas permaneceram alguns instantes em silêncio, cada uma com a própria dor.

– Como era ficar num esconderijo? – perguntou Nanny.

– Anotei tudo – disse Anne. – Quero escrever um livro sobre isso.

Nanny assentiu. Anne sempre gostara de escrever.

– Onde está Margot?

– Doente. Estou indo vê-la.

– Vamos nos encontrar de novo? – quis saber Nanny.

Anne sorriu. Foi bom ver um rosto conhecido.

Mas Nanny não foi a única conhecida que Anne encontrou no campo. Um dia, a sra. Van Pels foi procurá-la.

– Anne, você precisa vir comigo. Há alguém que quer ver você. É Hanneli!

Anne não podia acreditar. Hanneli! Quantas vezes tinha pensado que a amiga estava morta, e agora ela estava ali!

– Hanneli? – Anne foi até o muro de arame farpado e junco que separava as duas partes do campo. Ouviu uma voz do outro lado.

– Anne! Como você está? Não entendi. Você não estava na Suíça?

Anne contou que tinha ficado em Amsterdã, escondida todo aquele tempo no escritório do pai, e que a intenção dele era deixar todo mundo acreditar que haviam fugido para a Suíça. Ela chorou.

– Acho que papai e mamãe morreram. Só tenho Margot.

– Meu pai, minha avó e minha irmãzinha estão aqui, mas papai está doente. Estou cuidando da minha irmã. – Hanneli chorou também.



A situação na área do campo onde Hanneli estava era um pouco melhor, e ela se esforçou para juntar um pouco de comida para Anne e Margot e jogar sobre o muro. A primeira vez falhou porque outra pessoa pegou a comida e saiu correndo. Na segunda, conseguiram. Falaram pouco porque o que faziam era absolutamente proibido.

– Se cuida, Anne.

– Você também, Hanneli. E dê um abraço na sua irmã.

No entanto, as vidas de Margot e Anne ficaram cada vez mais sombrias. Como

muitos prisioneiros, Margot adoeceu. Ficou muito doente. E Anne também. Contraíram tifoide, uma doença infecciosa transmitida por piolhos. Tinham febre e calor um dia, enquanto tremiam de frio no outro. Tentavam se levantar, mas se sentiam tontas por causa da dor de cabeça. Tentavam encontrar algo para comer. Ou beber. Mas, mesmo quando encontravam alguma coisa, o estômago não aguentava. Tentavam manter uma à outra de pé. Tentavam encorajar uma à outra. Consolar. Mas estavam cada vez mais fracas. Olhavam uma para a outra, mas será que ainda se reconheciam?

Anne encostou o corpo magro e cansado contra o de Margot para aquecê-la. Mas ela estava tão gelada.

Anne queria pensar em coisas bonitas. No castanheiro atrás do Anexo. Na torta de morango da mamãe. No papai contando uma linda história. Mas ela não conseguia mais. Não sentia mais fome, tristeza ou solidão. Ela foi dormir, um sono muito, muito profundo. Como Margot.

O que aconteceu depois

Verão de 1945. A Alemanha nazista foi derrotada, e Hitler estava morto. Nazistas de alto escalão foram presos e levados a julgamento. Os holandeses tentaram retomar a vida normal, mas havia muito a fazer. Era necessário construir novas casas urgentemente, consertar as linhas de trem, pontes e o aeroporto. E o mais importante: Era preciso fornecer comida suficiente para todos.

Após uma longa viagem, Otto Frank voltou para a Holanda. Já nessa viagem, ele descobriu que a esposa havia morrido em Auschwitz. Ele esperava reencontrar Anne e Margot, mas, ao voltar para Amsterdã, soube por outro sobrevivente que as filhas haviam morrido em Bergen-Belsen.

Dos oito moradores do Anexo, Otto Frank foi o único que sobreviveu à guerra. Herman e Auguste van Pels e o filho Peter não sobreviveram às atrocidades dos nazistas. Fritz Pfeffer também foi morto. No entanto, os ajudantes conseguiram sobreviver à guerra e estavam prontos para ajudá-lo mais uma vez.

Quando ficou claro que Anne não voltaria, Miep entregou o diário, os cadernos e as anotações dela para Otto. Ela e Bep tinham encontrado os escritos no Anexo, depois das prisões. Durante todo aquele tempo, Miep havia guardado tudo em uma gaveta de sua escrivaninha, esperando um dia poder devolvê-los para Anne.

Otto leu cada anotação. Foi um processo muito doloroso. Mas, ao ler, também se surpreendeu. Que excelente escritora Anne teria sido! Ela descrevera meticulosamente o período em que viveram no Anexo... Fora tão sábia. Tão profunda em seus pensamentos. Ele também leu sobre o desejo de Anne de se tornar escritora e publicar um livro. Ela, inclusive, havia até pensado em um título: *O Anexo Secreto*.

Mas, e esta é uma grande pergunta, será que conseguirei escrever alguma coisa importante? Será que me tornarei jornalista ou escritora?, Anne anotara um ano antes de sua morte. Otto não tinha a menor dúvida: Anne era uma escritora. Anne morrera, porém sua voz falava alto e bom som nas páginas do seu diário. E, dali em diante, Otto tinha um único objetivo: realizar o grande sonho da filha. Ele se certificaria de que *O Anexo Secreto* fosse publicado.

ANNE FRANK

Het
Achter-
huis

DAGBOEKBRIEVEN
VAN 14 JUNI 1942 - 1 AUGUSTUS 1944

Álbum de família

Otto Frank adorava fotografar. Ao longo dos anos, tirou inúmeras fotos de Anne e Margot, as quais foram preservadas. No Anexo, ele não pôde mais tirar fotos. O último retrato de Anne foi tirado logo antes de entrarem no esconderijo, e ela tinha quase treze anos.



Anne ainda bebê e sua mãe, em 13 de junho de 1929. Nesta foto, ela estava com um dia de vida.



Anne quando bebê, na varanda, em 1930. Atrás dela, Margot e a vizinha Gertrud Naumann. Gertrud costumava tomar conta de Margot e Anne.



Anne e Margot no colo do pai, em agosto de 1931.



A vizinha Grace dá um banho em Margot em um dia quente de verão. Anne observa, curiosa (1932).



Anne e Margot com a mãe no centro de Frankfurt, em março de 1933. Quando a foto foi tirada, os pais de Anne haviam decidido se mudar para a Holanda.



Anne no jardim de infância em Amsterdã, em 1934.



Anne e a amiga Sanne na praça Merwede, em 1935. Sanne brinca com o bambolê; Anne, com a corda.



Anne (direita) com as amigas Sanne (no centro) e Eva na praça Merwede, em Amsterdã, em julho de 1936.



Anne com as amigas na caixa de areia, em julho de 1937. Da esquerda para a direita: Hanneli Goslar, Anne, Dolly Citroen, Hannah Toby, Barbara e Sanne Ledermann.



Anne alimenta um coelhinho, em junho de 1938.



O 10º aniversário de Anne, em 12 de junho de 1939. Da esquerda para a direita:
Lucie van Dijk, Anne, Sanne Ledermann, Hanneli Goslar, Juultje Ketellapper,
Käthe Egyedie, Mary Bos, Ietje Swillens, Martha van den Berg.



Anne com Dopy em Laren, Holanda, em 1940. Dopy era o cachorro de amigos dos pais de Anne.



Anne com os pais e a irmã na praça Merwede, em maio de 1941.



Anne pouco antes do 13º aniversário, em maio de 1942. Essa foi sua última foto.
Dois meses depois, foi obrigada a se esconder.



O pai de Anne, Otto, com os ajudantes depois da guerra, em outubro de 1945. Da esquerda para a direita: Miep Gies, Johannes Kleiman, Otto Frank, Victor Kugler e Bep Voskuijl.

Esclarecimento

As páginas deste livro são, tanto quanto possível, fundamentadas em fontes históricas e nas histórias escritas e contadas pela própria Anne, pelo pai, pelos ajudantes e por outras pessoas que conheceram Anne e sua família. Para tornar a história de Anne Frank o mais compreensível e acessível para crianças, imaginamos algumas de suas conversas. Mas, mesmo nesses casos, as conversas são baseadas em fontes conhecidas e foram mantidas, tanto quanto possível, o mais próximas dos eventos como eles aconteceram.

Bibliografia

Anne Frank, *Het Achterhuis*. Uitgeverij Bert Bakker, 2008.

Anne Frank, *Verhaaltjes, en gebeurtenissen uit het Achterhuis – Cady's leven*.
Uitgeverij Bert Bakker, 2001.

Alison Lesli Gold, *Anne Frank, mijn beste vriendin – het verhaal van Hanneli Goslar*. Kluitman, 1997.

Jacqueline van Maarsen, *Ik heet Anne, zei ze, Anne Frank*. Cossee, 2003.

Jacqueline van Maarsen, *'Je beste vriendin Anne'*. Querido, 2011.

Nederlands Instituut voor Oorlogsdocumentatie, *De dagboeken van Anne Frank*. Uitgeverij Bert Bakker, 2001.

Citações

As citações deste livro sempre se referem, salvo indicação em contrário, às seguintes datas mencionadas no diário de Anne Frank

Página 37: *Querida Juultje.* Esse poema vem do álbum de poesia de Juultje Ketellapper.

Página 93: *A melhor mesinha.* Terça-feira, 13 de julho de 1943.

Página 93: *Vergonhosamente egoísta?* Terça-feira, 13 de julho de 1943.

Página 97: *Não consigo esquecer aquele olhar dela.* Sábado, 27 de novembro de 1943.

Página 99: *Passos dentro do prédio, no escritório, na cozinha e depois... na escada. Ninguém respirava, oito corações batiam. Passos na escada e depois um barulho na estante.* Terça-feira, 11 de abril de 1944.

Página 102: *Para alguém como eu, escrever um diário traz uma sensação muito estranha. Não só porque nunca escrevi, mas suponho que no futuro nem eu nem ninguém mais se interessará pelos desabafos de uma menina de treze anos.* 20 de junho de 1942.

Página 105: *As orações são lindas, mas significam muito pouco para mim.* Quinta-feira, 29 de outubro de 1942.

Página 109: *Era uma vez duas pessoas, uma senhora idosa e a neta, que moravam havia muitos anos próximas de uma grande floresta. Em Verhaaltjes, en gebeurtenissen uit het Achterhuis – Cady's leven.*

Página 109: *Ela se deitou na cama e chorou. Em Verhaaltjes, en gebeurtenissen uit het Achterhuis – Cady's leven.*

Página 109: *Não pense que, agora que morri, não cuidarei mais de você. Estou no céu e sempre olho você lá de cima. Em Verhaaltjes, en gebeurtenissen uit het Achterhuis – Cady's leven.*

Página 114: *Se ao menos pudéssemos enfiá-la em um balde de água fria no sótão.* Sexta-feira, 9 de junho de 1944.

Página 123: *Foi a noite mais maravilhosa que já tive no Anexo.* Domingo, 19

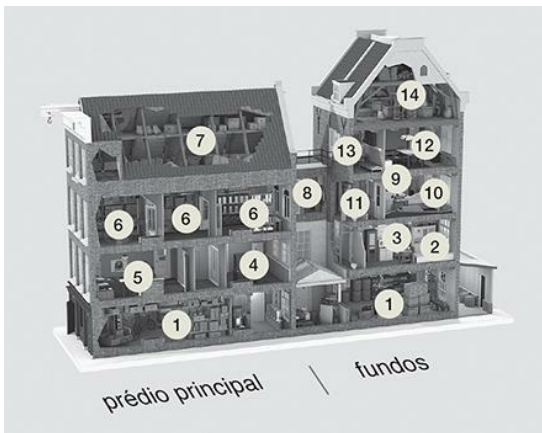
de março de 1944.

Página 125: *Lembre-se do dia de ontem, porque foi um dia fundamental para mim.* Domingo, 16 de abril de 1944.

Página 126: *Tome cuidado, Anne, e não leve isso muito a sério.* Terça-feira, 2 de maio de 1944.

Página 165: *Mas, e esta é uma grande pergunta, será que conseguirei escrever alguma coisa importante? Será que me tornarei jornalista ou escritora?* Quarta-feira, 5 de abril de 1944.





1. Armazém
2. Cozinha do escritório
3. Escritório particular
4. Escritório de Victor Kugler
5. Escritório de Miep Gies, Johannes Kleiman e Bep Voskuilj
6. Depósito
7. Sótão da parte dianteira da casa
8. A estante de livros
9. Quarto de Otto, Edith e Margot Frank
10. Quarto de Anne Franke e Fritz Pfeffer
11. Banheiro
12. Quarto de Hermann e Auguste van Pels
13. Quarto de Peter van Pels
14. Sótão do Anexo Secreto

Título Original

OUTSIDE IT'S WAR: ANNE FRANK AND HER WORLD

A edição brasileira foi traduzida a partir do original holandês,
Buiten is het oorlog: Anne Frank en haar wereld.

Este livro foi desenvolvido em colaboração com a Casa de Anne Frank, Amsterdã. A Fundação Holandesa de Letras contribuiu para este trabalho premiando a autora com uma bolsa de estudos internacional.

Copyright © Janny van der Molen, 2013 Vitgeverij Ploegsma Amsterdam. O direito da autora foi assegurado.

Ilustrações: Martijn van der Linden, 2013, *Copyright* © Casa de Anne Frank
Copyright fotos família Frank © Casa de Anne Frank, Amsterdã/ANNE FRANK-FONDS, Basel.

Ilustração da página 19 inspirada por uma foto da AKG-Images, Berlim/Hans Asemissen.

Ilustrações das páginas 27 e 47 inspiradas pelas fotos da Imagebank wwII/The NIOD Institute for War, Holocaust and Genocide Studies, Amsterdã. Ilustração em corte transversal da Casa de Anne Frank Vizualism (Chantal van Wessel, Frédéric Ruys)

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

ROCCO JOVENS LEITORES

GERENTE EDITORIAL

Ana Martins Bergin

EDITORA RESPONSÁVEL

Milena Vargas

EDITORES ASSISTENTES

Elisa Menezes

Larissa Helena

Manon Bourgeade (arte)

Viviane Maurey

ASSISTENTES

Gilvan Brito (arte)

Silvânia Rangel (produção gráfica)

REVISÃO

Sophia Lang

Wendell Setubal

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS

Luíza Ulhoa

ROCCO DIGITAL

COORDENAÇÃO DIGITAL

Lúcia Reis

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO DIGITAL

Joana De Conti

REVISÃO DE ARQUIVO EPUB

Maria Fernanda Slade

Edição digital: julho, 2015.

M728m

Molen, Janny van Der

O mundo de Anne Frank [recurso eletrônico] : lá fora, a guerra / Janny van der Molen ; ilustração Martijn van der Linden ; tradução Alexandra de Vries.
- 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2015.

recurso digital

Tradução de: Outside it's war: Anne Frank and her world

ISBN 978-85-8122-570-8 (recurso eletrônico)

1. Frank, Anne, 1929-1945. O diário de Anne Frank. 2. Frank, Anne, 1929-1945 - Arte literária. 3. Frank, Anne, 1929-1945 - Autoria. 4. Holocausto judeu (1939-1945) - Narrativas pessoais - Países Baixos - História e crítica. 5. Escrita criativa. 6. Livros eletrônicos. I. Linden, Martijn van Der. II. Título.

15-
21929

CDD: 940.53492

CDU:
94(100)'1939/1945'

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

"A AUTORA"

Janny van der Molen é jornalista, escritora premiada, teóloga e mãe de um menino e uma menina. Nascida na Holanda, ela trabalhou na área de comunicação por muitos anos e agora devota a maior parte de seu tempo e de sua energia para escrever livros infantis. Janny espera que seus livros estimulem as crianças a se envolverem na sociedade em que vivem e que as inspirem a desenvolver o melhor de si mesmas.